

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ

LUCILEILA DE SOUSA CARDOSO

**VIOLÊNCIA E JUVENTUDE:
A REALIDADE DO PROJETO AGENTE JOVEM NA PERIFERIA DE
FORTALEZA**

Monografia submetida à Banca Examinadora da Universidade Estadual do Ceará, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Serviço social.

Orientadora: Prof^a. Dra. Maria Glauécia Mota Brasil.

FORTALEZA

2003

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ

**VIOLÊNCIA E JUVENTUDE:
A REALIDADE DO PROJETO AGENTE JOVEM NA PERIFERIA DE
FORTALEZA**

LUCILEILA DE SOUSA CARDOSO

Defesa em: ____/____/____

Conceito obtido:_____

Banca Examinadora:

**Profa. Dra. Maria Glaucíria Mota Brasil
Orientadora**

**Profa. Esp. Lise Mary Soares Souza
Examinadora**

**Assistente Social Maria do Socorro Rocha das Chagas
Examinadora**

II

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
CAPÍTULO 1	
APROXIMAÇÕES AO OBJETO DA PESQUISA: AS AÇÕES DO PODER PÚBLICO FRENTE A PROBLEMÁTICA DA VIOLÊNCIA NA PERIFERIA DE FORTALEZA	
1.1 A Criação da Funci na Cidade de Fortaleza.....	10
1.2 A Reflexão Profissional a partir da Experiência de Campo	15
1.3 O Projeto Agente Jovem e o Protagonismo Juvenil: Uma Resposta à Violência Juvenil?.....	18
CAPÍTULO 2	
SOBRE A VIOLÊNCIA JUVENIL	
2.1 O Que é Violência?.....	24
2.2 O Movimento da Juventude dos Anos 50 aos Anos 90	28
2.3 A Juventude em Debate	31
CAPÍTULO 3	
A REALIDADE DA VIOLÊNCIA JUVENIL	
3.1 Os Caminhos da Pesquisa de Campo.....	36
3.2 Traçando o Perfil dos Agentes Jovens.....	39
3.3 O Significado da Violência Juvenil para os Agentes Jovens.....	48
3.4 O Trabalho Institucional com Agentes Jovens	54
CONSIDERAÇÕES FINAIS	58
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	61
ANEXOS	

Dedico este trabalho a Jesus Cristo,
meu orientador por toda a vida.

Aos meus pais e amigos, José Cardoso
Matos e Lucilêda de Sousa Cardoso, pelo
incentivo e dedicação em todos os
momentos de minha vida

Ao meu esposo Vladson que tanto
amo.

AGRADECIMENTOS

A Deus pela força, inspiração subliminar e paciência que dispensou para minha vida.

À orientadora Glaucéria Mota, pela compreensão, orientação e todo apoio em conhecimento e materiais de pesquisa.

Aos meus pais, pelo apoio.

Ao meu esposo, pelo incentivo.

A todos os adolescentes entrevistados que contribuíram com suas preciosas informações e idéias, motivo dessa pesquisa.

Às minhas técnicas de Serviço Social: Stela Pinho, Socorro Rocha e Natalie Andrade, que durante o período de estágio me deram orientação e todo o suporte técnico necessário para meu crescimento profissional.

Ao estatístico Ernesto que me orientou a condensar os dados da pesquisa quantitativa.

À Fundação da Criança e da Família Cidadã, instituição onde venho desenvolvendo minha atividade profissional.

RESUMO

O presente trabalho tem o intuito de conhecer a realidade dos adolescentes que concluíram o *Projeto Agente Jovem de Desenvolvimento Social e Humano* que está localizado nas periferias de Fortaleza. A pesquisa foi realizada com os adolescentes tendo como objetivo de traçarmos em linhas gerais a realidade sócio-econômica e cultural dos adolescentes, assim como identificar o que estes pensam sobre a violência juvenil e sobre a proposta do Projeto em questão. Dentre outras conclusões que merecem destaque e serão expostas no decorrer do trabalho, citamos um breve histórico da violência juvenil dos anos 50 aos anos 90, bem como a proposta do Projeto em relação ao protagonismo juvenil, concepção dos adolescentes a respeito da violência juvenil e os resultados obtidos pelo *Projeto Agente Jovem*.

INTRODUÇÃO

Todos os dias nos defrontamos com crianças e adolescentes nas esquinas, ruas e avenidas principais, praças e sinais de mãos estendidas esperando por um trocado. Jovens ansiosos e ociosos, com ou sem família, estudando ou não, rebeldes ou apenas contestadores, com ou sem vícios e seu jeito próprio de ser e de viver.

A onda crescente da violência juvenil, a mídia ganhando espaço e ibope com filmes, propagandas e programas reprodutores da violência que assusta e ao mesmo tempo atrai a atenção da sociedade. Então, como nos comportamos? Qual nosso procedimento? O que fazer diante desse fato?

A *Violência e a Juventude* são temas de fundamental relevância na agenda social do país à medida que tem sido uma problemática social que necessita urgentemente ser enfrentada pelo poder público para que não se torne uma epidemia. É necessário, portanto, que a juventude seja protegida legalmente pelas políticas públicas e pela aplicação do Estatuto da Criança e do Adolescente.

Considerando a necessidade de se obter conhecimentos que fundamente melhor e legalmente a atuação profissional é que tivemos o interesse de investigar a realidade dos adolescentes do *Projeto Agente Jovem de Desenvolvimento Social e Humano* nas periferias de Fortaleza no que se relaciona a questão *Violência e Juventude*.

O interesse pelo tema *Violência e Juventude* surgiu com a nossa experiência profissional como educadora social na Fundação da Criança e da Família Cidadã – FUNCI, onde é executado o Projeto em questão.

A angústia profissional em compreender o pensamento e a atitude dos adolescentes quando estes exaltavam a violência, demonstravam o fascínio pelo uso da força como exercício de poder, o desejo impulsivo de desafiar a morte e,

também, a busca da realização de um trabalho eficaz onde pudesse perceber o que poderia ser transformador ou potencializador da energia negativa dos jovens em energias voltadas para o bem comum foi que nos impulsionou a buscar respostas, a querer saber mais sobre a realidade dos jovens participantes do *Projeto Agente jovem*.

Diante dessas circunstâncias, várias indagações surgiram: Quem são esses jovens? O que eles pensam sobre a violência? O que significa a violência? Que motivos esses adolescentes têm em desafiar as regras instituídas, ou mesmo a morte? Será que estão sendo influenciados? Se estiverem, quem ou o que os influenciam? O que pensam do Projeto e das regras instituídas? Será que realmente compreendem e percebem a proposta de protagonismo juvenil? Será que o Projeto e a FUNCI estão conseguindo os seus objetivos? O que esses jovens pensam, dizem e fazem?

Percorrendo um caminho de reflexões e análises, o alvo de nossa pesquisa é conhecer e interpretar a realidade sócio-econômica e cultural dos jovens que concluíram o *Projeto Agente Jovem*, compreender o que esses “agentes jovens” pensam sobre a violência e analisar os resultados do trabalho institucional com aqueles que passaram pela Delegacia da Criança e do Adolescente - DCA .

O presente trabalho é constituído de 03 capítulos. O primeiro, cujo título é “Aproximações ao Objeto da Pesquisa: as Ações do Poder Público frente à Problemática da Violência na Periferia de Fortaleza”, apresenta as propostas das políticas públicas do município de Fortaleza para a criança e ao adolescente frente aos problemas da violência, através da criação da FUNCI, assim como a discussão e reflexão a cerca da atuação profissional a partir da experiência de campo, e a descrição de como funciona o *Projeto Agente Jovem* e a sua principal proposta, que é o protagonismo juvenil, como instrumento de enfrentamento da violência juvenil.

O segundo capítulo, denominado “Sobre Violência Juvenil” conceitua a violência segundo os autores como Diógenes(1994,1998), Arendt (1994), Gilberto Velho(1996), Groppo (2000) e Zaluar (1989,1994). Aqui buscamos contextualizar

historicamente a violência juvenil da década de 50 à década de 90. Ainda, neste capítulo, discutimos o conceito de juventude, e o que está influenciando no comportamento dos jovens atualmente.

O terceiro capítulo, intitulado “A Realidade da Violência Juvenil”, traça o perfil sócio-econômico e cultural dos 200 adolescentes formados no *Projeto Agente Jovem*, aborda a concepção de violência juvenil dos adolescentes entrevistados. E, finalmente, os resultados do trabalho institucional com os agentes jovens formados.

Nas “Considerações Finais” apresentamos o que foi compreendido durante toda a pesquisa e o quanto a temática Violência e Juventude ainda necessita ser pesquisada para que o poder público venha a tomar atitudes certas diante dessa tão complexa problemática social.

Na condição de pesquisadora, nos esforçamos na pretensão de contribuir para a análise sobre as questões inerentes à violência juvenil. E, a partir da investigação a respeito da forma como os adolescentes compreendem, avaliam e propõem é que precisamos elaborar mecanismos - enquanto sociedade civil, governo ou instituição – e fazer as idéias dos jovens acontecer como protagonismo em programas e projetos sociais de enfrentamento às drogas e à violência, em que os adolescentes realmente tenham interesse em participar e fazer acontecer.

CAPÍTULO 1

APROXIMAÇÕES AO OBJETO DA PESQUISA: AS AÇÕES DO PODER PÚBLICO FRENTE A PROBLEMÁTICA DA VIOLÊNCIA NA PERIFERIA DE FORTALEZA

1.1 A CRIAÇÃO DA FUNCÍ NA CIDADE DE FORTALEZA

A Fundação da Criança e da Família Cidadã – FUNCÍ é uma entidade responsável pela execução das políticas assistenciais à Crianças e aos Adolescentes em situação de risco pessoal e social, da Prefeitura Municipal de Fortaleza.

A FUNCÍ Surgiu a partir da pesquisa realizada em 1993 pela Secretaria de Trabalho e Ação Social do Estado - SETAS, juntamente com o Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua, denominada CENÁRIO DE AMBIGÜIDADES, quando começou a se conhecer estatisticamente essa realidade. A pesquisa, realizada em 170 locais, constatou que 5.962 crianças e adolescentes estavam nas ruas e que freqüentavam semáforos, praças, orla marítima, etc; e que residiam nas ruas cerca de 184 meninos e meninas.

Diante dessa realidade, no mesmo ano, dia 30 de dezembro de 1993 foi criado a FUNDAÇÃO DA CRIANÇA DA CIDADE, e que depois, em 1998, passou a ser denominada de FUNDAÇÃO DA CRIANÇA E DA FAMÍLIA CIDADÃ, quando foi ampliada a rede de atendimento não só às crianças e aos adolescentes como às famílias destes, por acreditar que trabalhando também a família, fortaleceriam-se os vínculos e a estrutura familiar tendo como base os valores humanos.

A FUNCÍ tem como missão exercer uma ação mobilizadora, educativa e *preventiva* junto às famílias priorizando as crianças e aos adolescentes em situação

de risco pessoal e social, no sentido de resgatar a auto-estima e fortalecer o exercício de cidadania, em parceria com OG's, ONG's e a Sociedade Civil.

Com um novo contexto social da FUNCI, esta missão está sendo repensada e reformulada, já que com a nova gestão, a Prefeitura Municipal de Fortaleza achou necessário que as Secretarias Executivas Regionais – SER's ficassem com a parte preventiva das ações de políticas públicas da criança e do adolescente e, a FUNCI assistindo às crianças e aos adolescentes em situação de risco instalado, ou seja, crianças e adolescentes expostos à rua, envolvidos com a droga e a exploração sexual.

Hoje, a FUNCI é responsável por 04 Programas (*Proteção e Abrigo, Formação Sócio-Pedagógico, Fortalecimento das Famílias e o de Formação e Atendimento Cidadão*) e 17 Projetos Sociais (*Da Rua para a Cidadania, Semear Adolescente, Semear Criança, Crescer com Arte, Adolescente Cidadão, República da Criança da Cidade, Programa de Erradicação do Trabalho Infantil - PETI, Formação Social das Famílias, Família Cidadã, Centro de Assistência, Projeto Sentinela, Núcleo de Apoio Familiar - NAF, Agência da Cidadania, Núcleo de Apoio Psicológico - NUAPSI e o Núcleo de Prevenção ao Uso Indevido de Drogas - NUPRED, Agente Jovem de Desenvolvimento Social e Humano, Espaço da Juventude*).

O Programa *Proteção e Abrigo* desenvolve um trabalho de atendimento na área de proteção e abrigo a crianças e adolescentes em situação de exclusão ou risco pessoal e social, tendo suas ações consubstanciadas nos Projetos: Projeto da Rua para a Cidadania e República da Criança da Cidade.

O Programa de *Formação Sócio-Pedagógica* realiza um trabalho no intuito de resgatar a auto-estima, o exercício da cidadania e o retorno e permanência da criança e do adolescente na família, escola e comunidade. Este programa tem sua atuação social representado pelos seguintes projetos: *Semear Criança, Semear Adolescente, Adolescente Cidadão, Da Rua para a Cidadania, Crescer com Arte e o*

Projeto Agente Jovem de Desenvolvimento Social e Humano.

O Programa de *Fortalecimento das Famílias* tem como objetivo contribuir para o fortalecimento dos vínculos familiares, suscitando uma nova cultura afetiva, através do resgate dos valores humanos. As ações do Programa estão contempladas nos seguintes Projetos: *Formação Social da Família e Família Cidadã.*

O Programa de *Formação e Atendimento Cidadão* tem por finalidade contribuir para o bom atendimento e formação dos cidadãos de Fortaleza, principalmente, os mais jovens e carentes. As ações deste programa estão contempladas nos seguintes Projetos: *Agência de Cidadania, Centro de Cidadania, Diagnose e Mobilização Social, Centro de Assistência, Núcleo de Apoio Familiar - NAF e Casarão da Criança da Cidade*, valendo ressaltar que este último presta atendimento psicológico e orientação quanto ao uso de drogas a crianças e adolescentes e suas famílias através das duas unidades/núcleos de atendimento: *NUAPSI – Núcleo de Apoio Psicológico e NUPRED – Núcleo de Prevenção ao Uso Indevido de Drogas.*

O organograma de funcionamento da FUNCI (vide figura no anexo 1) é baseado e fundamentado na teoria sistêmica, onde os setores são inter-relacionados, perdendo a visão de chefe, e este passa a gerenciar a equipe sem o verticalismo da estrutura hierárquica. Segundo esta visão, a instituição torna-se um corpo humano, em que cada departamento da instituição tem sua função, mas dependendo um dos outros, estão interligados, diminuindo assim a força da burocracia e do poder hierárquico do organograma piramidal.

Toda essa explicação faz-se necessária a partir do momento que é colocado teoricamente como filosofia institucional, quando na realidade a prática se constitui ainda no controle de chefias sobre as informações que são essenciais para um melhor funcionamento e desenvolvimento dos Projetos executados pela FUNCI.

Na realidade, tem-se um discurso da visão sistêmica da racionalização do trabalho e aprimoramento dos gestores humanos, garantindo assim melhor

desempenho e execução do trabalho e, vive-se, ainda, no regime hierárquico verticalizado, próprio dos velhos modelos patriarcais das instituições públicas, o que dificulta desde a relação interpessoal entre os membros das equipes até a agilidade nas resoluções das ações.

Aqui a crítica vem como proposta de se repensar o agir institucional, onde o fim comum é contribuir para o processo de transformação social, ou melhor, intervir com ações que venham fazer acontecer Políticas Públicas para a criança e o adolescente em Fortaleza.

É interessante o esclarecimento sobre a estrutura interna da instituição na medida em que desta parte a iniciativa de executar o *Projeto Agente Jovem* que possui dois princípios básicos chamados de eixos.

O primeiro eixo trabalha com a perspectiva de que o jovem possa ser “reintegrado à sociedade”, resgatando vínculos familiares e adquira “ferramentas” que possibilitem a definição de um novo projeto de vida, reinserindo-o no sistema educacional e propiciando atividades que facilitem a sua inserção no mercado de trabalho.

O segundo está voltado para o conceito de “protagonismo juvenil” onde os jovens receberão, para isso, capacitação para atuarem em suas comunidades no apoio às áreas de saúde, meio ambiente, segurança pública e cidadania.

A idéia de estudar a temática *Violência e Juventude* surgiu como resultante da experiência profissional como educadora social no *Projeto Agente Jovem de Desenvolvimento Social e Humano*, sendo este projeto uma das ações da Fundação da Criança e da Família Cidadã, que atua com adolescentes em situação de risco, na faixa etária de 15 a 17 anos.

O *Projeto Agente Jovem de Desenvolvimento Social e Humano* surgiu de

uma iniciativa do município de Ijuí do estado do Rio Grande do Sul com os jovens, obtendo bastante sucesso neste município, o projeto foi ampliado nacionalmente tornando-se Programa do Governo Federal de serviço de ação continuada.

Hoje esse *Projeto Agente Jovem* está presente nos principais municípios do País, e em Fortaleza é executado pela FUNCI, contendo atualmente 18 turmas de 25 adolescentes cada.

Este Projeto¹ busca capacitar jovens uma faixa etária de 15 a 17 anos para o mundo do trabalho e para atuar em suas comunidades nas áreas de saúde, cultura, meio ambiente, cidadania, esporte e turismo. A idéia é fazer com que esses adolescentes possam contribuir para melhorar alguns indicadores sociais nos locais onde moram, além de capacitá-los para desenvolver um projeto pessoal de vida.

Dessa forma, o jovem é atendido no Projeto durante 01 ano, onde é capacitado durante seis meses e depois começa a atuar em sua comunidade. Durante todo o tempo ele recebe uma bolsa mensal no valor de R\$ 65,00, lanche, fardamento e todo material didático necessário.

Este Projeto está sendo desenvolvido em áreas de notória situação de risco que apresentam Comunidades com os seguintes problemas: falta de segurança, uso de drogas, exploração sexual com crianças e adolescentes e baixa renda familiar.

O *Projeto Agente Jovem* está voltado para trabalhar 25 (vinte e cinco) adolescentes inseridos em áreas de risco², tendo como objetivo formar líderes comunitários, capazes de compreender a realidade onde estão inseridos e de mobilizar a comunidade na busca de alternativas para as dificuldades do cotidiano.

O Projeto em questão atende atualmente 450 adolescentes em 18 (dezoito) Comunidades de Fortaleza: Autran Nunes, Barra do Ceará, Colônia, Conj.

1 Em 2002, foi acrescentada a capacitação do Projeto Agente Jovem, temáticas relacionadas a Segurança Pública, envolvendo o objetivo de inibir o crescimento das "gangues" e diminuir o índice de violência juvenil, apoiada pelo Ministério da Justiça.

2 Áreas de risco refere-se as comunidades que são detectadas pela FUNCI, através de dados do IBGE como áreas de grande população e menor renda *per capita* familiar, ou seja, maior índice de pobreza, onde consta maior necessidade de assistência e programas sociais.

Palmeiras, Curió, Genibaú, Henrique Jorge, José Walter, Lagamar, Montese, Parque Dois Irmãos, Pirambú, Serviluz, São Bernardo, São Cristóvão, São Miguel, Vila Cazumba e Vila Ellery.

A equipe técnica que trabalha para esse Projeto na FUNCI é composta por 01 coordenador(a) com formação em Serviço Social, 01 assistente social, 01 educadora social, 02 estagiárias de Serviço Social e 18 orientadores sociais (estudantes bolsistas dos cursos de Serviço Social ou Pedagogia da UECE), destes 01 para cada unidade.

No Projeto, a equipe de trabalho realiza visitas domiciliares, estudo de caso, supervisão técnica para os orientadores sociais, relatórios estatísticos e descritivos, acompanhamento escolar e familiar, reuniões com as famílias, planejamentos para capacitações, assim como para implantação de novas turmas, e encaminhamentos aos órgãos necessários de acordo com a demanda.

1.2 A REFLEXÃO PROFISSIONAL A PARTIR DA EXPERIÊNCIA DE CAMPO

Na experiência de 02 anos e 06 meses como Educadora Social do Projeto Agente Jovem, a opção e interesse pelo tema violência e juventude – além de ser uma temática de fundamental e de notória relevância nos dias atuais – se deu, portanto, ao presenciar um fato significativo. Um adolescente deste Projeto envolveu-se num crime de latrocínio, sendo encaminhado para o Centro Educacional São Francisco da SETAS. Os outros integrantes do Projeto ao tomarem conhecimento do episódio, passaram a “idolstrar” o jovem latrocida, agindo com cumplicidade e tratando-o de forma “heróica”, distinguindo sua antiga cadeira na sala de aula do Projeto com uma foto.

Depois desses acontecimentos, pôde-se observar com maior frequência e

nitidez o uso dos atos de violência, seja física ou comportamental, dos adolescentes, como se fosse – na concepção do grupo – um referencial de destaque no que diz respeito à caracterização da coragem, ousadia, exaltação da virilidade, delimitação de espaços, imposição de respeito e relações de poder entre os demais adolescentes.

Outros casos aconteceram e puderam estender o leque de probabilidades na busca para as seguintes situações: adolescentes que chegam ao *Projeto Agente Jovem* com arma de fogo e os demais integrantes do grupo o rodeavam admirados pela ousadia de passar pelo segurança da instituição e não ser barrado pelo mesmo temer um adolescente armado. Assim como adolescentes do sexo feminino se sentirem atraídas para ter um relacionamento afetivo somente com líderes de gangues.

Alba Zaluar (1994) explica através do resultado de sua pesquisa realizada numa favela do Rio de Janeiro, que na *cultura desta população pobre, prevalece a recusa de qualquer autoridade ou se desconheça o que é consentimento. Ao contrário, eles opõem muito claramente “vencer na moral” à violência das armas, à brutalidade, à dominação crua dos que se recusam ao uso das palavras, porque com elas não estão certos de manter o poder.*

Outros casos aconteceram como tentativas de suicídio por dois adolescentes de um mesmo local do Projeto, no intervalo de apenas um mês e os mesmos adolescentes acharam muito bom ter passado essa experiência por conseguir “desafiar a morte”.

Em outra unidade deste Projeto na comunidade do Genibaú, numa reunião com as famílias que realizamos mensalmente, percebemos uma das mães com o comportamento alterado. Tentamos conhecer melhor a realidade dessa família junto a estagiária através de visitas domiciliares e entrevista individual com a agente jovem, filha desta. Detectamos que existia um histórico de seus ancestrais com o suicídio desde a bisavó, influenciando esta mãe e colocando este tipo de violência

com seu próprio corpo, como objetivo a ser alcançado tanto pela genitora, quanto pela adolescente atendida pelo Projeto.

Segundo Durkheim, *a evolução do suicídio é assim composta de ondas de movimento, distintas e sucessivas, que se dão por impulsos, desenvolvem-se durante algum tempo e depois cessam para recomeçar em seguida.* (apud Florestan Fernandes, 1990)

Ao realizar um breve comentário sobre a experiência do suicídio no *Projeto Agente Jovem*, o que pode ser compreendido segundo autor em citação, é que quando acontece tal fato, geralmente desencadeia-se em um mesmo meio comum, ou melhor, predisõem-se dentro do mesmo grupo de convivência algo que influencia a nova(s) pessoa(s), e essa predisposição, segundo Durkheim, *pode ser um objeto de um estudo especial para as ciências sociais* (1990,p.106).

Ao acreditar que a violência não é apenas agressão física, mas qualquer ação ou reação que intenciona ameaças físicas, morais, psicológicas ou comportamentais que podem, ou ainda, que presumem sinais de imposições de respeito ainda que sejam utilizados outros objetos nessa relação de poder quando se pratica a violência.

Diante dessas situações, como compreender o imaginário e as representações da juventude quanto ao uso da violência nas relações de poder ? O que os motiva? Ou que motivo estaria levando esses adolescentes a se sentirem bem ao conseguir desafiar as regras instituídas, a própria morte? Quais os motivos? Ou falta-lhes sentido para continuar a viver? Será que os atos de violência lhes atraem? Por quê? Será que eles se sentem influenciados a cometer delitos? Será que eles estão realmente sendo influenciados ou fazem isso porque necessitam ser percebidos, reconhecidos socialmente?

Ao levantar estas questões se faz necessário conhecer e compreender sobre o que venha a ser violência e relações de poder para os jovens ou qual o significado da violência e da repercussão desses atos, ou ainda o que poderia está

influenciando os jovens nesse tipo de comportamento.

Quando são discutidas as relações de poder na possibilidade de que os jovens exercem a violência como uma forma de se adquirir algo, ou mesmo para se sentir alguém, não podemos esquecer Foucault e esclarecer que *...o poder é algo que se exerce, que se efetua, que funciona... Não é um objeto, uma coisa, mas uma relação. E esse caráter relacional de poder implica que as próprias lutas contra seu exercício não possa ser feito de fora, de outro lugar, do exterior, pois nada está isento de poder* (apud Machado, 1998, p.XIV).

1.3 O PROJETO AGENTE JOVEM E O PROTAGONISMO JUVENIL: UMA RESPOSTA À VIOLÊNCIA JUVENIL?

Em todo o mundo, é notável a presença da violência nas ruas, praças, escolas, comércios, nas áreas de lazer, em notícias de rádio, televisão, internet. As propagandas em outdoor e nos meios de comunicação aumentam ao propor maior segurança através de cercas elétricas, portões automáticos ou tele - alarmes. A violência tem sido uma preocupação cotidiana dos homens para garantir a segurança.

Admitindo que os principais protagonistas e vítimas da violência urbana, nesta última década, são os jovens³, os quais vivem em situação de alarme devido o desemprego, falta de educação e qualificação para acompanhar as exigências de um mercado cada vez mais competitivo e restrito, de perspectiva de vida e de oportunidades, além de serem facilmente estimulados a consumir, assim como disponíveis à buscar novos caminhos, e a se interessar por novas descobertas, considerando a própria transição de idade que estão vivenciando.

3 De acordo com a pesquisa realizada pela UNESCO no Brasil, em agosto de 2000 e confirmada pelo terceiro Mapa da Violência, publicado em maio de 2002, os jovens, na faixa etária de 15 à 24 anos, são os que mais estão sofrendo e praticando a violência no país.

Vale ressaltar, que a violência juvenil pode ser caracterizada como um problema de natureza globalizada, que perpassa no cotidiano das relações sociais de forma contraditória. Ao mesmo tempo em que os atos de violência são freqüentes e, por isso, muitas vezes banalizados, a sociedade atemoriza-se pela insegurança nas ruas e dentro da sua própria casa.

Berquó, ao descrever as propriedades do sistema da sociedade capitalista brasileira, afirma que a sociedade está desacreditada com a polícia, a justiça e o Estado, devido a impunidade e a fragilidade do sistema de justiça, a corrupção nos órgãos estatais, o uso da força letal pela polícia, o desenvolvimento de uma sociabilidade defensiva, as chacinas e linchamentos, o papel da mídia e a “onda jovem” no âmbito demográfico (1998,p.305).

Diante dessa realidade, a sociedade brasileira não está à parte deste tão preocupante fato social. O “fechar os olhos” diante dessa situação implica em perpetuar às novas gerações o comodismo, o conformismo e a insegurança de buscar alternativas nos órgãos Federais, Estaduais e Municipais , competentes para enfrentar essa questão.

Como proteção legal, inscrita na ordem jurídica, temos o art. 4º, § 3º, um dos princípios da Lei Orgânica da Assistência Social (LOAS) que diz *respeito à dignidade do cidadão, a sua autonomia e ao seu direito a benefícios e serviços de qualidade, bem como a convivência familiar e comunitária vexatória de necessidade* (1993).

Podemos ainda citar como fundamentação e garantia de direito o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) que afirma : *A criança e ao adolescente tem direito a liberdade, ao respeito à dignidade como pessoa humana em processo de desenvolvimento e como sujeitos de direitos civis, humanos e sociais garantidos na Constituição e nas leis* (1990).

O protagonismo juvenil é *um tipo de ação de intervenção no contexto social para responder a problemas reais onde o jovem é sempre o ator principal, onde*

suas ações voltadas para o bem comum da comunidade, da escola ou da sociedade mais ampla, tendo em vista a livre opção do jovem em participar das tomadas de decisões se vai ou não fazer tais ações (estudante de psicologia, 2001)⁴.

Segundo Diógenes a juventude é o ator, por excelência, da cultura de massa, ela *“protagoniza” os espetáculos urbanos, “esteticiza” imagens, difundindo a versatilidade e a liberdade dos movimentos como um modo de ser “moderno”* (1998, p.149).

Nesta mesma perspectiva é que Costa afirma que *uma ação é dita protagônica quando, na sua execução, o educando é o ator principal no processo de seu desenvolvimento. Por meio desse tipo de ação, o adolescente adquire e amplia seu repertório, aumentando assim sua capacidade de interferir de forma ativa e construtiva em seu contexto escolar e sócio-comunitário* (1998, p.152).

Fagundes afirma que a atitude de preparação da população mais jovem para desempenhar papel de maneira protagônica é levar o jovem a tomar o futuro em suas mãos, isto é, fazer do educando o ator principal no processo educacional (2000,p. 21).

No *Projeto Agente Jovem* o adolescente depois de 06 meses de capacitação sobre temas relativo a saúde, segurança pública e cidadania, começa a praticar o que aprendeu. O grupo de adolescentes acompanhado por um orientador(a) social percebe e detecta os problemas sociais da comunidade, e planeja de que forma atuar e qual das temáticas trabalhadas na capacitação poderá utilizar segundo a necessidade do bairro.

Ao perceber de fato a comunidade , o adolescente depara com a cruel e diária realidade: adolescentes grávidas correndo risco de vida, gente passando fome, crianças subnutridas, desemprego a começar de sua própria casa, uso e

⁴ Conceito encontrado no site www.nucepec-ce.org.com.br.

consumo de drogas, ameaças de morte, guangues, falta de saneamento básico, dentre outros problemas.

E a pergunta ao orientador social feita por adolescentes do Projeto em discussão é: *“O que podemos fazer? Como criar alternativas para melhorar nossa comunidade se só temos informação?”*. Outros expressam *“Meus amigos pedem camisinhas e anticoncepcionais e não tenho para oferecê-los, se encaminho para o posto mais próximo, eles dizem que já foi e não recebeu porque a quantidade de preservativos que o posto recebe por mês já acabou”* (Integrante do Projeto Agente Jovem do Bom Jardim,2002).

Comentando sobre o posicionamento desses adolescentes do Projeto em questão relativo a fome que é constante em sua comunidade, o máximo que os adolescentes conseguem fazer são campanhas de arrecadação de cestas de alimentos para serem sorteadas - as poucas cestas básicas que conseguem arrecadar no próprio bairro - nos encontros que realizam com a comunidade. Iniciativa que pode ser considerada válida para esses jovens, porém temporária, paliativa, por ser para um contingente insignificante de famílias.

Relativo às crianças desnutridas, os agentes jovens encaminham e informam o posto mais próximo onde as condições destes são precárias e só repassam o leite se a criança desde o nascimento já está sendo acompanhada. Vale ressaltar que nas comunidades ainda há famílias que não se importam, ou não são esclarecidas sobre a necessidade da criança desde recém nascida ser acompanhada pela assistência médica.

Um dos adolescentes do *Projeto Agente Jovem* também afirmou: *“Os meus colegas da comunidade que são usuário de drogas, os que querem sair não tem para onde encaminhar, pois não tem um local público e gratuito que trabalhe para esse tipo de atendimento, e quando informo sobre o tratamento psicológico que a Agência da Cidadania mais próxima do bairro faz, eles colocam dificuldade porque não tem vale-transporte para se deslocar e quando não dizem que psicólogo é coisa*

de doido”(Integrante do Projeto Agente Jovem da Vila União,2001).

Não se pode negar que o trabalho da informação no protagonismo juvenil é interessante e necessário, produtivo quando refere-se a questão de ampliar o conhecimento destes adolescentes e contribuir para esclarecimentos sobre a cidadania e a saúde para a realização da prevenção é muito importante. Entretanto, a faixa etária que está sendo trabalhada, de 15 a 17 anos, muitas vezes não está apenas exposto ao risco social⁵ e pessoal, mas já estão inseridos no risco, na exclusão, onde boa parte das famílias dessas comunidades abordada pelo Projeto estudado está abaixo da chamada linha da pobreza, com menos de 02 salários mínimos como renda familiar.

E, não é só de discursos, palestras de prevenção contra as DST's, jornalzinhos, passeatas contra a violência, campanhas temporárias de arrecadação de alimentos que vive a comunidade. Esta necessita de condições básicas para conseguir viver, ou melhor, sobreviver. A comunidade precisa de emprego, saúde, condições mínimas para moradia, educação gratuita e de qualidade dentre outras.

De maneira alguma pode ser invalidada a ação do protagonista juvenil, no caso, do Agente Jovem, o interesse dos adolescentes que querem contribuir para melhorar sua comunidade. O que entra em questão é o suporte necessário que não são oferecidos pelo poder público para essas ações, que não é da responsabilidade do jovem, visto que direitos Constitucionais do cidadão, mas que não são executados pelo Estado.

A importância do protagonismo juvenil dá-se em maior instância ao alcançar de fato o jovem executor deste ato, no que diz respeito ao desenvolvimento social e crescimento pessoal, quando se consegue trabalhar e aumentar sua auto-estima e lhe é reconhecido seu potencial de criar alternativas com o que têm disponível e acessível para melhorar sua qualidade de vida e da comunidade.

⁵ Segundo Sudbrack, é possível considerar a situação de risco à criança e ao adolescente toda e qualquer condição ou contexto de vida que coloque em jogo a satisfação das suas necessidades básicas atuais e do desenvolvimento de suas potencialidades (2002, p. 219).

Diante dessa situação, é válido salientar alguns questionamentos a respeito da intenção do Governo Federal em oferecer aos municípios este programa. Que interesse teria o governo em oferecer toda a capacitação envolvendo temas que propiciam aos jovens um grau de desenvolvimento da reflexão e criticidade ao trabalhar as temáticas, por exemplo: Contexto Sócio-político do Brasil, Protagonismo Juvenil, Papel do Jovem no Programa, Leis Básicas que norteiam o Cidadão (ECA, LOS, LOAS, LDB, Constituição Federal e Declaração dos Direitos Humanos) na Programação de Cidadania.

Vale a pena refletir nestas questões e analisar se, de certo, a proposta de lançamento do protagonismo juvenil através do *Projeto Agente Jovem de Desenvolvimento Social e Humano* venha a ser a resposta necessária do poder público para contribuir na inibição do crescimento das gangues e diminuir a violência juvenil. Se esse tipo de Programas Federais, mesmo sendo temporários, considerados paliativos e compensatórios surte algum resultado no desenvolvimento pessoal e social desses jovens, mesmo quando sabemos que ainda é inexistente o acompanhamento pós-projeto, não havendo como a instituição avaliar os frutos de seu trabalho social.

CAPÍTULO 2

SOBRE A VIOLÊNCIA JUVENIL

2.1 O QUE É VIOLÊNCIA?

Nos vários trabalhos, pesquisas, seminários, debates, fóruns e conferências realizadas pelas universidades, sociedade civil e mesmo pelo Estado podemos identificar os estudos voltados para a investigação das causas, as conseqüências, os efeitos da violência, e os gastos investidos para combater a mesma.

Numa pesquisa realizada sobre atitudes, normas, culturas e valores em relação à violência em 10 capitais brasileiras, a autora Nancy Cardia percebe a *violência como um fenômeno que cresce em todas as cidades pesquisadas e junto a todos os grupos etários, não apenas na juventude* (1999,p.10).

Entretanto há autores como Hannan Arendt critica a banalização da violência quando percebe que *... a violência e a sua arbitrariedade foram consideradas corriqueiras e, portanto, desconsideradas; ninguém questiona ou examina o que é óbvio para todos* (1969, p.16).

Benevides ao estudar a violência urbana no noticiário de Imprensa expõe que *o aumento da criminalidade violenta nos grandes centros urbanos - de composição real ou equivocada – explorados com os destaques nos meios de comunicação, provocou nova discussão sobre as possíveis causas da violência* (1983,p.30).

Glória Diógenes afirma que *a violência intensificou-se, espalhou-se, diversificou-se, assumindo uma pluralidade de facetas e uma plêiade de ações* (1998,p.76).

Theophilos Rifiotis observa a violência sendo *um objeto de constante construção(...) que não tem recebido a atenção devida por parte dos pesquisadores: uma espécie de negatividade generalizada face a violência*. Ainda acrescenta que a violência é *uma objetivação, uma espécie de significante sempre aberto para receber significado, e não uma invariante um objeto natural*(1995,p.09 - 16).

Gilberto Velho analisa a violência como o uso agressivo da força física de indivíduos ou grupos contra os outros, assim como a possibilidade ou ameaça de usar essa força ou idéia de poder, a imposição de vontade, desejo ou projeto de um ator sobre o outro (1996, p.10).

Diferente de Gilberto Velho, Arendt não acredita que a violência possa ser considerada uma força, pois, para esta autora, *a força é a energia liberada por movimentos físicos ou sociais*, ou seja, a força é utilizada para um sentido maior que busca algo a ser alcançado (1994, p.08). Para ela, a força difere do uso da violência. O uso da força, não necessariamente, implica violência. Um policial pode usar a força sem ser violento.

Nas observações participativas realizadas nas oficinas desenvolvidas no *Projeto Agente Jovem* sobre violência, pudemos perceber que a vivência destes adolescentes vai de encontro ao conceito da violência utilizada por Gilberto Velho (1994). Ou seja, o uso da força física, as ameaças, imposições de respeito e da moral eram postos de maneira violenta. E alguns afirmavam que só quem tinha respeito na comunidade eram os traficantes e o seu pessoal, devido a comunidade se sentir ameaçada e ao mesmo tempo protegida por estes.

Segundo Jacobo Waiselfisz, a violência, hoje, está ligada ao conceito de alteridade e se expressa nas formas e mecanismos pelos quais a sociedade convive com as diferenças (1998,p.09).

Para este último autor, precisamos alargar a nossa visão a respeito da

violência, pois esta se expressa além das agressões físicas, englobando situações de humilhação, exclusão, ameaças, desrespeito, indiferença, omissão para com o outro(1998,p.09).

Sérgio Adorno em seu paper *Violência Contra Crianças e Adolescentes, Violência Social e Estado de Direito*, ressalta a violência como meio da única linguagem que o aprendizado da adversidade da vida pode ensinar (1998,p.115).

Diante da afirmação de Sérgio Adorno podemos destacar a forma que a nossa sociedade vem reproduzindo a violência através dos meios de comunicação, e principalmente pela própria violência que o sistema econômico vem atingindo as pessoas com as dificuldades oferecidas: desemprego, educação que não tem qualidade, moradia inadequada, saúde pública sucateada, falta de saneamento básico, de alimentação e de lazer.

As “faltas” que são cotidianas na vida das famílias dos jovens de periferia acaba afetando na crença de um futuro melhor, e, ao acomodar-se na vida que levam, reproduzem a violência por já serem tão violados pelo sistema em que vivem.

Analisando esse tipo de situação é que Bourdieu (apud Alba Zaluar) afirma que *as dúvidas e a revolta geradas pelas atuais condições de vida dos trabalhadores tornam ainda mais improvável a reprodução dos padrões e valores dos princípios implícitos e indiscutíveis que caracterizam uma cultura tradicional* (1985, p.155).

Ou seja, as condições precárias de vida proporciona uma maior facilidade para esses jovens se envolverem com a delinquência, sendo esta a maneira mais fácil de conseguir seus desejos de consumo.

Sudbrack afirma:

Os jovens de família de baixa renda constituem, assim, uma população específica, definida, à priori, como uma população em situação de risco pela falta de acesso aos equipamentos sociais. Portanto, deve ser considerada sua vulnerabilidade, tanto quanto ao consumo de substâncias psicotrópicas como às pressões do tráfico enquanto alternativa de trabalho (Revista Ser Social III, 2002, p.219)

Rifiotis acredita que *a violência pode atuar como uma espécie de força dispersiva, voltada para a manutenção das diferenças, em contraponto à homogeneização que a centralidade dos poderes procura instaurar* (1995, 14).

Para Arendt a violência apresenta um caráter instrumental; *como todos os meios, ela sempre depende da orientação e da justificação pelo fim que almeja.* (1994,p.41)

A autora trabalha a relação e a distinção existente entre a violência e o poder, ao afirmar: *uma das mais óbvias distinções entre poder e violência é a de que o poder sempre depende de números [consenso], enquanto a violência, até certo ponto, pode operar sem eles, porque se assenta em implementos* (1994,p.35).

Ao trabalhar os conceitos dos autores sobre a violência, podemos destacar várias concepções. Diógenes acredita que esta é explicada como uma força expressiva de uma construção de identidades sociais; Hannah Arendt afirma que a violência, sendo um instrumental por natureza, é racional à medida que é eficaz em alcançar o fim que deve justificá-la. Para ela, a violência *algumas vezes é a única forma de assegurar que a moderação seja ouvida* (1994,p.57-58). Posteriormente, na contextualização histórica sobre a violência juvenil entre os anos 60 e 70, podemos identificar o sentido que Arendt se utiliza para expressar o que é a violência.

A autora ainda enfatiza que *a prática da violência, como toda ação, muda o mundo, mas a mudança mais provável é para um mundo mais violento*(1994,p.58).

A categoria violência, conceituada por Diógenes (1998) é entendida como sendo *uma força, uma energia, uma prática que foge do curso presumivelmente disciplinado e estável da ordem social*, mas que pode ser canalizada e desenvolvida para potencialidades criativas em benefício para o próprio jovem e a sociedade.

Maria Lúcia Montes percebe a violência juvenil, antes de tudo, sendo uma linguagem, que faz parte da lógica contrastiva da construção de identidade

coletivas, sendo esta linguagem suficiente para aglutinar indivíduos isolados em membros de um grupo, que afirmam agressividade, pela manipulação desses símbolos, sua identidade, só reconhecível por um jogo de oposições no interior do campo semântico comum, cuja partilha a violência ritualizada é encarregada de estabelecer (1996,p.218).

Geralmente busca-se o por quê para explicar o crescimento da criminalidade e a banalização da violência e a crescente agressividade no comportamento dos nossos jovens na fase da adolescência.

As pessoas preocupadas com a questão da violência juvenil buscam respostas para conseguir compreender essa realidade, onde os jovens que cometem delitos, ora são considerados pela sociedade como vítimas do sistema, ora como autores ativos e merecedores de disciplina e punições.

2.2 O MOVIMENTO DA JUVENTUDE DOS ANOS 50 AOS ANOS 90

O presente trabalho apresenta um recorte aleatório na história do Brasil, dos anos 50 aos anos 90, sobre o movimento da juventude, com a perspectiva de conseguirmos compreender - a partir da interpretação histórico-social dos autores Diógenes (1998), Groppo (2000), Abramo (1997) e Guimarães (1997) - o crescimento da violência nos dias atuais.

Luís Antônio Groppo afirma que no século XX, a indústria cultural trabalhou intensamente sobre as manifestações comportamentais e políticas das juventudes. A rebeldia e a delinqüência juvenil foram assuntos atraentes nos meios de comunicação de massa, e sua publicização, ela própria, ajudou a moldar as características especiais desses grupos juvenis (2000,p.99).

Na primeira década estudada, anos 50, segundo Helena Abramo, é possível perceber que o problema social da juventude era a fácil disponibilidade para transgredir as leis, sendo a juventude qualificada como “rebelde sem causa” (1997,p.30).

Abramo vai além interpretando a visão social sobre a juventude dessa década como a *‘fase inerentemente difícil’... e na formação de culturas juvenis como antagônicas a sociedade adulta, ressaltando no conhecido processo de ‘demonização’ do rock’n’roll, por ex., e na busca de solução através da prescrição de uma série de medidas educativas e de controle para assegurar a contenção dessa delinqüência* (1997,p.30).

Segundo Eloísa Guimarães (1997,p.200) nas décadas de 50 e 60 no Rio de Janeiro as turmas de jovens já apresentavam *algumas das principais características das atuais galeras: a constituição por bairro (ou ruas) diferentes, lembram, hoje, não só as galeras do subúrbio, mas as de classe média.* Muito embora, nesse período apresentasse menos perigo que atualmente, pois os conflitos se davam entre turmas rivais nos clubes, nas saídas das escolas, ou nas ruas.

Nas décadas de 60 e parte dos anos 70, o problema visto pela sociedade à respeito da juventude apareceu como sendo a de toda uma geração de jovens ameaçando a ordem social.

Essa juventude tinha uma causa ideal, um interesse de mudar um país, utilizava-se da força como uma atitude de crítica a ordem estabelecida pelo regime militar. Esses jovens lutavam e buscavam transformação através dos movimentos estudantis, opondo-se aos regimes autoritários da época.

A juventude apareceu então como a categoria portadora da possibilidade de transformação profunda: e, para a maior parte da sociedade, portanto condensava o pânico da revolução...os jovens condenavam a si próprios a jamais conseguirem se integrar ao funcionamento normal da sociedade...não mais como uma fase passageira de dificuldades, mas como recusa permanente de se adaptar, de se “enquadrar”... a imagem dos jovens dos anos 60 plasmou-

se como a de uma geração idealista, generosa, criativa, que ousou sonhar e se comprometer com a mudança social(Abramo,1997, p.31).

Ainda sobre os anos 60, Glória Diógenes percebe a *juventude como propagadora de valores ‘contraculturais’⁶* e afirma que o teor transformador marcados pelas manifestações juvenis associa a *juventude ao referente da rebeldia*(1998, p.146).

A idéia idílica da juventude enquanto inovação cultural, signitária de valores forjados num “mundo às avessas”, sofre resignificações decisivas na década de 70. Essa desqualificação relaciona-se, basicamente, ao fato que nos anos 70 e, principalmente durante toda a década de 80, os jovens se organizarem em torno de movimentos culturais e se apresentarem socialmente como difusores de estilos de vida centrados na música, no lazer e no consumo de produtos identificados com a cultura juvenil. (Quironga apud Diógenes,1996, p.02).

Nos anos 80, Abramo define a imagem da juventude como oposta à da geração dos anos 60: individualista, consumista, conservadora e indiferente aos assuntos públicos, apática. A juventude dos anos 80 aparece aqui como a *depositária de um certo medo relativo ao “fim da história”, uma vez que nega seu papel como fonte de mudança* (1997,p.31).

Eloísa Guimarães acredita que as agremiações juvenis (res)surgem no final da década de 70, assumindo grande vulto nos anos 90. *De fato, a questão das agremiações juvenis, em sua multiplicidade, com seus diferentes símbolos e estilos, seus modos de ser singulares, motivações e modos de representação distintos pode ser pensada como uma das marcas da atualidade* (1997,p.199).

Diógenes define a marca da década de 80 como *O “ilimitável pluralismo” da geração cultural*. A autora observa que *a expansão de uma cultura “global” vem a ocorrer no momento em que a sociedade de consumo parece unificar-se* (1998,p.149).

Nos anos 90, Abramo percebe um pouco de mudança em relação aos anos 80

⁶ Essa contraposição da cultura vigente pode ser justificada pela influência do Movimento Hippie, movimento feminista e movimento negro que surgia nos Estados Unidos e intensificava em todo o mundo e que perdurou durante toda essa década. (MARTINS, José Roberto:1997)

já não são mais a apatia e desmobilização que chamam a atenção; pelo contrário, é a presença de inúmeras figuras juvenis nas ruas envolvidas em diversos tipos de ações individuais e coletivas. No entanto, parte dessas ações continua sendo relacionada aos traços do individualismo, da fragmentação e agora mais do que nunca, à violência, ao desregramento e desvio (os meninos de rua, os arrastões, o surf ferroviário, as gangues, as galeras, os atos de puro vandalismo) (1997, p.31-32).

Por outro lado, Guimarães afirma que as galeras ganharam grande visibilidade a partir de 1992 com os “arrastões” ocorridos nas praias da Zona Sul, e amplamente divulgadas pela mídia, levando a um processo de estigmatização crescente desse segmento juvenil a quem foi debitados a conta pelos “arrastões” (1997, p.201).

Diógenes ao comentar sobre as práticas juvenis que marcam os anos 90, percebe que nesta década os jovens sentem a necessidade de formação de “turmas” cujo objetivo, pelas vias mais diversas, é marcar uma presença⁶ impactante no cenário social (1998, p.155).

Ao admitir que os jovens podem sentir necessidade de marcar presença, formar grupos para expressar seus pensamentos é que buscamos compreender qual o significado da violência para esses jovens? O que os adolescentes pensam sobre a violência?

Nessa perspectiva, podemos citar Alba Zaluar *...é preciso pensar o que está acontecendo com certos setores da população jovem, o que os está encaminhando para esse tipo de atividade* (1994,p.131).

2.3 A JUVENTUDE EM DEBATE

A juventude tem sido vista pela sociedade como preocupação constante em todo contexto social, seja pela transição da idade, mudança biológica efervescente,

⁶ Glória Diógenes explica o que significa “marcar presença” e registra o que tem ocorrido nos dois campos de manifestações: A presença de movimentos culturais, que têm a dança, a música, o esporte ou as artes gráficas como campo de manifestação mais marcante, denominados galera e os grupos que se expressam, de forma mais restrita, através de práticas coletivas de violência, identificados como gangues (1998, p.155) .

seja na busca da construção de sua identidade, ou ainda pela fuga desses adolescentes em não querer ser criança e ao mesmo tempo não se sentir adulto.

Nesta fase de transição são experimentados sentimentos de inquietações e incertezas decorrentes dessa etapa significativa para o desenvolvimento da pessoa humana.

Considerando a variedade de definições dos autores que trabalham com o tema Juventude, encontramos noções básicas e gerais que possibilitam identificar elementos que caracterizam a juventude.

Para melhor compreender esta categoria, podemos iniciar este capítulo citando Luís Antônio Groppo em sua análise sobre as definições de juventude ao afirmar que estas passeiam por dois critérios principais: o critério etário e o critério sócio-cultural (2000, p.9).

Para Groppo, a juventude pode ser definida como *uma categoria social, sendo esta uma concepção, representação ou uma criação simbólica, com suas próprias formas e conteúdos que tem bastante influência nas sociedades modernas*(2000, p.08).

Aqui poderíamos nos deter apenas em definir a juventude como categoria social e discutir a rede de aspectos, valores, representações simbólicas e situações sociais em que o jovem hoje se encontra. Contudo, o presente trabalho pretende compreender esta categoria como uma etapa da vida em constante transformação, um universo de complexidade que depende de vários aspectos para ser melhor entendido.

Helena Abramo ao descrever a concepção de juventude, afirma que esta é

Como um momento de transição no ciclo de vida, da infância para a maturidade, que corresponde a um momento específico e dramático de

socialização, em que os indivíduos processam a sua integridade e se tornam membros da sociedade, através da aquisição de elementos apropriados a “cultura” e da assunção de papéis adultos (1997,p.29).

Glória Diógenes afirma que a juventude é uma invenção moderna, *tecida em um terreno de constante transformação* e que cada vez é mais difícil definir-se enquanto macro-categoria de investigação: *a juventude é essencialmente polimórfica e polifônica (1998,p. 139-155).*

Jacobo Waiselfisz constata que o conceito de juventude *é uma categoria sociológica que indica o processo de preparação para os indivíduos assumir o papel de adulto na sociedade, tanto no plano familiar quanto no profissional (1998,p.17).*

Em oficinas realizadas no *Projeto Agente Jovem* quando os adolescentes são indagados sobre o *que é ser jovem?* Tem-se na maior parte das respostas, sejam elas através de cartazes, teatro, desenhos, música ou jornalzinho, o seguinte resultado:

Ser jovem é curtir a vida, é ser livre, fazer tudo o que quiser e que tem direito (Agente jovem do bairro Pirambu).

Ser jovem é está na moda, é namorar bastante, curtir a vida ... mas é também ter responsabilidade com os estudos (Agente jovem do bairro Conjunto Palmeiras).

Ser jovem é ser livre, mas sem drogas e sem violência (Agente jovem do bairro José Walter).

Acreditar que esses jovens não têm consciência dos riscos que correm nesta fase da vida, ou das responsabilidades que têm de assumir financeiramente a sua vida - ainda que precocemente - e muitas vezes até de toda a sua família, é subestimar a capacidade de raciocínio destes. Ser jovem, para esses jovens, é um estado de liberdade que só a condição de juventude é capaz de sentir e viver, porque a liberdade é um sonho de sonhar a vida.

Além dessa possibilidade, existe a forte influência da vida real em sociedade, a vontade compulsiva de consumir e possuir, de *está na moda*, a era do *Ter para Ser* diante de qualquer relação social, onde a mídia tem sido um dos principais reprodutores dessa visão.

Diógenes ao descrever a “cultura de massa” da sociedade afirma que *ao difundir-se por todos os pontos da rede social, ela realiza um duplo movimento: fala que todos podem ter tudo, e que ao “Ter”, eles seriam reconhecidos como sujeitos sociais e depois nega quase tudo à grande maioria (1998,p.61)*. Uma vez, que apenas alguns poderão ter para consumir e Ser.

Alba Zaluar constata que *não ter dinheiro para consumir os bens cada vez mais oferecidos pelo mercado equivale, para os pobres, especialmente se pertencentes a grupos raciais (como os negros) e residenciais (como os favelados)...a ser objeto da suspeita de cometer atos ilegais ou ilícitos ou, pior, de ser agente da violência (1994,p.181)*.

Diógenes explica que *o consumismo traz uma mensagem subliminar e orienta-se sobre princípios básicos: não é apenas o potencial produtivo e a riqueza acumulada pelos indivíduos que define o “status social”, é fundamentalmente o que eles podem consumir, e , efetivamente consomem, que os identifica e os qualifica no fogo das relações sociais (1998, p.149)*.

Admitindo que a questão da violência e da juventude vai além da consciência da vulnerabilidade na adolescência, perpassando à noção de cidadania e chegando ao dever do Estado em garantir as políticas públicas às crianças e aos adolescentes é que vale à pena ressaltar a essência da investigação que Sérgio Adorno discute numa pesquisa realizada em São Paulo

...a “essência” dessa investigação pois que ele permitirá conhecer, sob o ângulo , o modo como o Estado operacionaliza suas diretrizes de controle repressivo da ordem social e ao mesmo tempo busca oferecer proteção, assistência e amparo à infância e à adolescência, em especial àqueles envolvidos na criminalidade violenta.(1998,p.190)

Na Declaração Universal dos Direitos Humanos, artigo XXV decreta que *toda pessoa tem direito a um padrão de vida capaz de assegurar a si à sua família saúde e bem – estar, inclusive alimentação, vestuário, habitação, cuidados médicos e os serviços sociais indispensáveis, e direito à segurança em caso de desemprego, doenças, invalidez, viuvez, velhice ou outros casos de perdas dos meios de*

subsistência em circunstâncias fora de seu controle(1948).

Mas, de fato, o que vem ocorrendo com a problemática da Violência e da Juventude? Será que a violência aumentou ou os estudos e discussões sobre a violência aumentaram? Por que ao falarmos de violência logo relacionamos com a juventude? Por que essas duas temáticas se cruzam? Como podemos compreender essa realidade?

CAPÍTULO 3

A REALIDADE DA VIOLÊNCIA JUVENIL

3.1 OS CAMINHOS DA PESQUISA DE CAMPO

A pesquisa que subsidia o presente trabalho foi realizada com adolescentes, na faixa etária de 15 a 17 anos, de 08 bairros da periferia de Fortaleza que concluíram o *Projeto Agente Jovem de Desenvolvimento Social e Humano*.

As comunidades abordadas deste Projeto para esta pesquisa foram: Bom jardim, Conjunto Ceará, Conjunto Palmeiras, José Walter, João Arruda, Mucuripe, Pirambú e Vila União.

Para a realização desta investigação, inicialmente fizemos um aprofundamento teórico sobre a questão da Violência e Juventude, onde nos permitiu uma maior familiaridade com o objeto.

O presente trabalho foi realizado com o objetivo de analisar o perfil sócio-econômico e cultural desses adolescentes e ao mesmo tempo compreender o significado da violência juvenil para os agentes jovens que cometeram algum tipo de violência e também de apresentar os resultados do trabalho realizado pelo *Projeto Agente jovem* relativo a violência juvenil.

Quando pensamos em traçar o perfil dos adolescentes e estudar o discurso destes jovens sobre a violência, nos reportamos a Theophilos Rifiotis quando este afirma:

O discurso da violência não compreende apenas a fala nem é consciente para quem o enuncia; ele é também o não dito ou o silenciado, um conjunto de enunciados, práticas, falas, que garantem a circulação das imagens sobre a própria violência (1995,p.13).

E com a experiência vivenciada no Projeto em questão no período de 02 anos e 06 meses, pudemos ter acesso a arquivos registrados na instituição FUNCI, tais como: estudos de caso e acompanhamento do prontuário desses adolescentes, assim como a facilidade no acesso aos resultados do perfil sócio-econômico e cultural destes, facilitando a realização da pesquisa quantitativa.

Vale ressaltar, que durante o processo da investigação tivemos o cuidado de respeitar e preservar cada fala dos entrevistados com a garantia do sigilo na identificação pessoal destes.

Para a realização desta pesquisa tivemos três tipos de instrumentos: questionário, observação participante e entrevista semi-estruturada.

No questionário buscamos colher dados sobre o perfil sócio-econômico e cultural dos 200 agentes jovens abordados das comunidades citadas, tendo como critério de escolha os adolescentes que fizeram parte do primeiro grupo que concluiu o *Projeto Agente Jovem*.

Outro tipo de instrumental auxiliar, utilizado nas 08 turmas do Projeto foram as oficinas que abordaram a temática violência juvenil, onde foi possível analisar os desenhos, frases e afirmações. Além das observações anotadas pela pesquisadora em diário de campo, através da observação participativa nesses grupos.

Quanto às entrevistas, foram semi-estruturadas, baseadas num roteiro, a fim de que houvesse maior profundidade da temática em desenvolvimento. Através desta técnica pudemos obter informações acerca do que os atores sociais desejam, conhecem, sonham, ou o que pretendem fazer. Como lembra Minayo (1992), o entrevistado tem a possibilidade de exprimir sua vivência, experiência, percepção sobre o tema que interessa ao pesquisador sem respostas prefixadas por estes, intervindo apenas quando necessário reconduzir o entrevistado aos objetivos da pesquisa.

Alguns critérios de escolha foram utilizados para a realização da pesquisa

qualitativa. Dos 200 adolescentes da pesquisa quantitativa, escolhemos 10 adolescentes com o perfil de jovens que praticaram atos infracionais, tendo passado pela Delegacia da Criança e Adolescente – DCA, delegacia especializada em casos onde o adolescente é o infrator.

O motivo principal da escolha da técnica de pesquisa qualitativa é de que a mesma aborda a subjetividade dos adolescentes que serão entrevistados; fazendo com que haja a oportunidade de percepção dos gestos, expressões, silêncio e pausa nas falas, por exemplo.

As entrevistas foram realizadas individualmente com os adolescentes nas suas comunidades. No decorrer de algumas entrevistas tivemos algumas surpresas inesperadas que serviram de crescimento e superação de medos.

Na comunidade Aldaci Barbosa, mais conhecida como a comunidade do Trilho I que fica no bairro da Vila União, quando estávamos entrevistando um dos adolescentes, um outro jovem chegou apreensivo e encostou a bicicleta próxima da gente. Logo em seguida entrou um policial de moto fazendo a ronda no local. Quando este último saiu o jovem sorrindo aliviado mostra a arma para o meu entrevistado dizendo que mais uma vez tinha “*escapado dos Homens*”.

Nunca tínhamos visto uma arma de fogo tão próxima. Neste momento nos sentimos suspensa, o coração batia forte até perguntar se havia bala dentro e o jovem responder que não.

Da mesma forma que nas abordagens realizadas na comunidade passamos por “sufoco”, muitas vezes nos sentimos um pouco “cúmplices” ao sabermos de certas informações como por exemplo quem lidera o tráfico nesta ou naquela comunidade, ou ainda quando sabemos de alguns delitos cometidos por esses jovens que a polícia ou mesmo os familiares destes não desconfia de tamanha ousadia.

Ainda durante as pesquisas, nos sentimos bem ao ouvir de um adolescente que naquele momento estava se sentindo importante, pois nunca imaginou que sua opinião pudesse um dia está num trabalho da universidade.

Às vezes, ou de alguma forma, também, conseguimos nos sentir uma “emissária da paz”. Dois adolescentes que, na época do Projeto eram bastante próximo e amigos, hoje, por questão de território demarcado pelas gangues e por terem se envolvido com gangue não podem se vê e nem se falar. Um deles nos pediu para marcar um encontro onde os dois *naquele instante pudessem conversar normalmente e falar o quanto era interessante àqueles velhos tempos*.

Acreditamos como Glória Diógenes que *[s]er pesquisador transcende os campos da investigação e possibilita perceber cada fato, aparentemente irrelevante e banal da vida social, como condensador de sentidos, rede entremeada de acontecimentos* (1998, p.350).

Diante disso, só podemos afirmar que a pesquisa é tão fundamental para o conhecimento assim como para o próprio crescimento e desenvolvimento pessoal do pesquisador.

3.2 TRAÇANDO O PERFIL DOS AGENTES JOVENS

O interesse de traçar o perfil dos adolescentes *do Projeto Agente Jovem* surge a partir do momento que se torna importante conhecer a realidade de cada um, para que tenhamos uma visão de totalidade no contato da problemática da juventude e da violência.

Narcy Cardia na sua pesquisa realizada sobre atitudes, normas culturais e valores em relação à violência em 10 capitais brasileiras em 1999 apresenta as causas da violência interpessoal. Segundo os entrevistados da pesquisa, as

peças cometem violência porque *responsabilizam as pessoas; usam drogas; bebem e provocam as outras; vendem drogas; são provocados por outras; sentem ciúmes de seu(sua) companheiro(a) / namorado(a); têm prazer em machucar alguém; têm preconceito / ódio racial; auto apresentação da imagem; querem se sentir importante; têm que manter a fama de durona; quem assiste uma briga incentiva a violência; querem impressionar seus amigos; quem não for durão no bairro vira vítima; auto defesa; querem proteger suas famílias, e por fim porque têm medo de serem machucados (1999,p.66).*

Pela experiência vivenciada no *Projeto Agente Jovem* podemos perceber que a prática da violência evidencia para os jovens entrevistados para a pesquisa que subsidiou o presente trabalho, uma demonstração diante de seus colegas de conquista de espaços. Espaços estes que podem ser explorados em todas as suas relações sociais.

No questionário aplicado para colher dados que nos possibilitem traçar esse perfil, tentamos abordar vários aspectos que apresentassem o retrato estatístico: Quem são esses jovens? Como souberam do *Projeto Agente Jovem*, Quantos são do sexo feminino e do sexo masculino? Qual o grau de instrução? Qual a situação financeira? Qual a faixa de renda em salário mínimo? Qual a situação de vínculo familiar? Se esses adolescentes usavam ou já havia se envolvido com drogas? Qual a situação institucional? E, finalmente se já haviam feito algum curso de iniciação profissional?

A preocupação em sabermos como o adolescente obteve informações acerca do *Projeto* é porque precisávamos conhecer como estava sendo feita a divulgação deste, quem tem mais acesso a essas informações de oportunidades que são oferecidas aos jovens. Podemos observar na tabela 01 a seguir:

ORIGEM	QUANTIDADE DE ADOLESCENTES	(%)
--------	----------------------------	------

Centro de Cidadania	30	14,8
Liderança	35	17,6
Igreja	6	3,2
Associação	11	5,6
Comunidade	74	37,0
ONG's	0	0,0
Outros	33	16,2
Não respondeu	11	5,6
TOTAL	200	100,0

Tabela 01: Distribuição por procedência (Fonte: Diagnose e Mobilização Social,2002)

Segundo a pesquisa realizada, os adolescentes que tiveram acesso à inscrição do *Projeto* pela própria comunidade foram 37% e 17,6% dos jovens foram informados pelas as lideranças comunitárias que também fazem parte no processo de divulgação.

Para maior esclarecimento, é afixado um edital na comunidade com o perfil para ser um agente jovem: morar na comunidade, faixa etária de 15 a 17 anos, escolaridade do adolescente deve ser a partir da 6ª série, estudar no turno oposto ao do Projeto, ter a renda de até 02 salários mínimos.

Ao ser divulgada a inscrição do Projeto Agente Jovem, os adolescentes ainda passam por dois processos de seleção: a ficha cadastral – onde acontece uma entrevista individual tentando obter dados de identificação pessoal, familiar, escolar, renda familiar, especificações culturais sobre o adolescente, interesse pelo o *Projeto* e observações do entrevistador sobre o adolescente; e depois uma seleção com atividades dinâmicas, onde durante 03 horas, profissionais de psicologia de serviço social aplica atividades que venha a destacar jovens com perfil de liderança, participação, iniciativa, interesse e criatividade.

Infelizmente, com a política estatal de assistência social em execução temos

visto ser feita a exclusão dos excluídos. Muitos dos adolescentes que não conseguem passar nos testes seletivos pelo número de vagas que o Projeto oferece por comunidade, 25 vagas, posteriormente nos procura perguntando porque não conseguiu entrar nas tão poucas oportunidades que lhes são oferecidas.

Relativo a idade, 35,6% dos agentes jovens tem de 14 a 15 anos e 64,4% de 16 a 18 anos. Quanto à distribuição de adolescentes por sexo 57,4% são do sexo feminino e 42,6% do sexo masculino. Veja as tabelas a seguir:

FAIXA ETÁRIA	QUANTIDADE DE ADOLESCENTES	(%)
14 a 16 anos	71	35,6
16 a 18 anos	129	64,4
TOTAL	200	100.0

Tabela 02: Distribuição por idade (Ibidem)

SEXO	QUANTIDADE DE ADOLESCENTES	(%)
Feminino	115	57,4
Masculino	85	42,6
TOTAL	200	100,0

Tabela 03: Distribuição por sexo (Ibidem)

Dentre os 200 agentes jovens pesquisados, segundo a distribuição estabelecida pelo município através das Regionais (SER's), podemos perceber através da tabela 04, que temos 16,7% dos adolescentes na área da Regional I, 11,1% na Regional II, 11,1% na Regional III, 11,1% na Regional IV, 22,2% na Regional V e 27,8% dos jovens do *Projeto* na Regional VI.

REGIONAL	QUANTIDADE DE ADOLESCENTES	(%)
-----------------	-----------------------------------	------------

Regional I	33	16,7
Regional II	22	11,1
Regional III	22	11,1
Regional IV	22	11,1
Regional V	45	22,2
Regional VI	56	27,8
TOTAL	200	100,0

Tabela 04: Distribuição dos adolescentes por Regionais (Ibidem)

A importância de conhecer onde as turmas dos agentes jovens estão localizadas, nos proporciona questionar por que são escolhidos tais locais para funcionamento do Projeto e como são feitas tais escolhas segundo a distribuição de bairros na Prefeitura de Fortaleza através das Regionais.

Conforme as exigências do Governo Federal, o *Projeto Agente Jovem* deve acontecer nas comunidades onde o Índice de Desenvolvimento Humano – IDH e os dados do IBGE indicam o maior índice de pobreza por população, justificando assim, a escolha da comunidade.

Porém, outros fatores contribuem para a escolha da comunidade feita pela FUNCI, como uma estrutura adequada para comportar os adolescentes, com boa ventilação e luminosidade, assim como solicitações oficializadas de associações comunitárias, igrejas ou ONG's que se oferecem como parceiros sociais e políticos para a Instituição.

No que diz respeito ao grau de instrução, como podemos observar na tabela 05, dos adolescentes pesquisados, 58,8% estão no ensino médio, 21,3% fazem a 8ª série, 8,8% a 7ª série e apenas 6,6% fazem Telecurso, Supletivo ou Tempo de Avançar.

ESCOLARIDADE	QUANTIDADE DE ADOLESCENTES	(%)
5ª Série Ensino Fundamental	3	1,4
6ª Série Ensino Fundamental	6	3,2
7ª Série Ensino Fundamental	17	8,8
8ª Série Ensino Fundamental	43	21,3
Ensino Médio	118	58,8
Telecurso	4	1,9
Supletivo	4	1,9
Tempo de Avançar	5	2,8
TOTAL	200	100,0

Tabela 05: Grau de instrução (Ibidem)

A estrutura familiar dos agentes jovens, relativo a situação econômica é analisada pela FUNCI como sendo uma média *per capita* da renda da família desses adolescentes, ou seja, a família é considerada com estrutura familiar econômica quando cada pessoa da família têm disponível por mês acima de meio salário mínimo, conseqüentemente, sem estrutura é a família que possui por componente menor ou igual a meio salário mínimo. Veja a tabela 06 a seguir:

ESTRUTURA FAMILIAR	QUANTIDADE DE ADOLESCENTES	(%)
Com estrutura	77	38,4
Sem estrutura	123	61,6
TOTAL	200	100,0

Tabela 06: Distribuição por Estrutura Familiar (Ibidem)

E ao comentar sobre a renda em salário mínimo, podemos destacar a distribuição de renda familiar dos agentes jovens na tabela 07 a seguir:

RENDA FAMILIAR	QUANTIDADE DE ADOLESCENTES	(%)
Sem renda	8	4,2
Menor que ½ salário mínimo	14	6,9
½ à 01 salário mínimo	63	31,5
Maior que 01 à 02 salários mínimos	78	38,9
Maior que 02 à 05 salários mínimos	30	15,3
Maior que 05 salários mínimos	3	1,4
Não sabe/ Não respondeu	4	1,9
TOTAL	200	100,0

Tabela 07: Distribuição por Faixa de Renda em Salário Mínimo (Ibidem)

Visando uma melhor compreensão do que supostamente poderia influenciar os adolescentes no mundo da violência juvenil tivemos a preocupação de pesquisar a problemática do uso de drogas entre os jovens do *Projeto*, como mostra a tabela 08 a seguir:

USO DE DROGAS	QUANTIDADE DE ADOLESCENTES	(%)
Usa drogas lícitas e ilícitas	34	17,1
Usa só drogas lícitas	3	1,4
Usa drogas ilícitas	16	7,9
Usou drogas	138	69,0
Não usa, nem usou drogas	9	4,6
Não respondeu	0	0,0
TOTAL	200	100,0

Tabela 08: Distribuição por tipos de drogas (Ibidem)

Com grande destaque 69% dos agentes jovens já usaram algum tipo de droga, onde 17% destes utilizam-se de drogas lícitas e ilícitas e 1,4% dos adolescentes responderam que usam drogas lícitas, 25% drogas ilícitas, sendo 4,6% dos pesquisados não usam e nem usaram nenhum tipo de droga na sua vida.

Esse resultado demonstra que os adolescentes do *Projeto* realmente estão expostos ao risco ou mesmo já inseridos na problemática do uso e consumo de drogas. Adolescente do Projeto afirma:

Tia, aqui na favela é fácil conseguir drogas, em qualquer buteco tem, na escola tem até de graça para iniciantes (Agente jovem, 17 anos, Pirambú).

É claro e certo a veracidade da facilidade ao acesso às drogas nessas comunidades. O que se torna complicado de compreender é a ineficiência da polícia em combater o tráfico de drogas na comunidade.

Os adolescentes entrevistados durante a pesquisa demonstram indignação e descrédito nas atitudes dos policiais e declaram fatos que denunciam desde a aceitação de propinas como a discriminação e o desrespeito com o cidadão abordado por estes.

A polícia não pode vê uma pessoa vestida diferente assim que nem a gente, que pensa logo que é marginal. Não pede documento, não pensa em conversar não, quer logo é bater (Charles, 16 anos, Trilho II).

A polícia chega logo batendo e arrastando a gente (Royal, 19 anos, Vila União).

Glória Diógenes afirma que *a violência policial, nos bairros de periferia, como é recorrente, cotidiana e utiliza-se das mesmas práticas ensejadas pelas gangues, não se diferencia, propiciando a intensificação de uma violência em cadeia, de uma violência interminável (1998,316).*

Outros relatos sobre a polícia foram feitos pelos agentes jovens entrevistados relativo ao desrespeito com as pessoas da comunidade onde moram, nesse caso, a Favela da Maravilha:

Tia, a gente tinha um amigo que vivia aqui nas travessas da Maravilha. Ele não tinha pai nem mãe porque morreram. Dormia na rua, comia porque a gente se criou junto e o que a gente tinha dava pra ele. Um dia a Polícia pegou ele em flagrante assaltando uma mulher grávida na parada da Aguanhabí. Aí amarrou as mãos e os pés com uma corda e prenderam esta corda na garupa da moto do policial e arrastaram ele dentro da

comunidade, nas travessas e ruelas, por cima do trilho até matar o cara. A comunidade ficou revoltada, denunciou o policial... Pensa que adiantou? Mesmo que nada!!! O policial continua por aí e o nosso amigo... só na lembrança da comunidade da Maravilha! (integrante do Projeto Agente Jovem da Maravilha,2002).

Quanto à situação institucional verificamos que apenas 5% dos agentes jovens afirmaram ter freqüentado uma instituição (como podemos observar na tabela 09 abaixo). Desta maneira, queremos nos expressar sobre instituições como a Delegacia da Criança e do Adolescente - DCA ou Centros Educacionais (Patativa de Assaré, São Francisco, São Miguel e outros), pois são instituições destinadas ao cumprimento de penas para adolescentes que cometem atos infracionais.

SITUAÇÃO INSTITUCIONAL	QUANTIDADE DE ADOLESCENTES	(%)
Nunca Freqüentou	190	95,0
Freqüentou instituições*	10	5,0
TOTAL	200	100,0

Tabela 09: Distribuição por Situação Institucional (Ibidem)

Grande parte dos adolescentes entrevistados disse está na vida delinqüente por não terem oportunidades, por estarem “desocupados”, ociosos.

Ao analisar os dados estatísticos sobre os cursos de iniciação profissional ou mesmo profissionalizantes verificamos que 51,4% dos adolescentes nunca fizeram algum curso de iniciação profissional, 26,4% já fez 01 curso e 12,5% já fizeram 03 ou mais cursos como mostra a tabela 10 a seguir:

* Pela experiência profissional no *Projeto Agente Jovem*, sabemos que mais adolescentes cometem violência, mas apenas 10 adolescentes afirmaram diante da entrevista ter passado pela DCA ou pelos Centros Educacionais da SETAS.

INICIAÇÃO PROFISSIONAL	QUANTIDADE DE ADOLESCENTES	(%)
01(um) curso	53	26,4
02 (dois) cursos	19	9,7
03 (três) cursos ou mais	25	12,5
Não fez	103	51,4
Não respondeu	0	0,0
TOTAL	200	100,0

Tabela 10: Distribuição por Iniciação Profissional (Ibidem)

Diante dessa realidade, podemos refletir sobre o que vem acontecendo com as políticas públicas, quando o Estatuto da Criança e do Adolescente garante a qualificação adequada ao Adolescente para a sua iniciação profissional. O que de fato acontece com as leis vigentes? Quem vem assumindo as responsabilidades? É dever do Estado? Então por quê a responsabilidade social imposta pelo capitalismo é que tem a vez?

3.3 O SIGNIFICADO DA VIOLÊNCIA JUVENIL PARA OS AGENTES JOVENS

“No profundo da escuridão da alma
 Habita um pesadelo, desespero!
 Um monstro dentro de mim mesmo
 Assola o dia inteiro!
 Mas prossigo na luta contra
 Meu inimigo interior
 Vivendo um dia-à-dia de desespero
 Medo e de terror!
 Atitude destorcida atrás da hipocrisia
 Dando ouvido à voz subliminar da apostasia
 Conseqüência da falta de consciência
 Confira na seqüência:
 Cidades inteiras arrasadas pela ira
 O monstro foi liberto
 O cativo aberto

Egoísmo, capitalismo, ambição pelo dinheiro
Terrorismo destruindo vidas
Ilusão sincera
Atolados no porão da alma
Verdadeira seqüela,
Assassinato, atentados, miséria
Ameaças de guerra
O mundo se desespera!!!”

Letra: Rap Incidental:
“Negu A” e Syllas Jr

Quando iniciamos a pesquisa, mesmo sabendo das dificuldades que poderiam surgir estávamos sempre esperando respostas prontas e acabadas. O grande interesse de iniciar esta investigação se encontrava no desejo de conhecer e compreender a noção, o significado, o conceito que os jovens abordados - segundo o critério estabelecido – têm em mente sobre a violência.

Nas oficinas realizadas sobre violência nas turmas do Projeto Agente Jovem, pudemos constatar através da observação participante que este tema é tratado por esses jovens com naturalidade. Para eles não causa mais espanto ou impacto, mas é sempre visto com curiosidade. A violência é tratada como mais uma desgraça, ou mesmo como uma atração, diversão ouvir tal fato.

Para alguns adolescentes - diziam - o programa Rota 22 era seu café da manhã e o programa Barra pesada seu almoço. Todo dia é “sagrado” assistirem esses programas que apresentam a realidade violenta e trágica da cidade. E ainda comentavam: *é interessante vê as desgraças dos outros* (agente jovem, 17 anos, Vila União).

Essas afirmações nos incomodavam bastante. Ora, ao compreender a realidade onde viviam, a situação de carência econômica, a violência de todas as formas: na rua, na televisão, na família, na escola, no trânsito. A violência da polícia, o descaso com que o poder público tem tratando a educação, a moradia, a alimentação, a saúde, dentre outras. O jovem começa a naturalizar a negação de sua condição de cidadão, assim como passa a banalizar a violência que é própria do seu cotidiano.

Para reforçar essa análise, Alba Zaluar ressalta:

Num país como o Brasil de ambigüidades tão grandes em relação à letra da lei e à prática política real, com uma cultura política ainda hegemônica que reproduz o clientelismo e todas as formas de privilégio que, por definição, excluem, enormes parcelas da população, não há como ignorar essas vozes dos despossuídos que se tornaram o objeto de políticas sociais falhas, confusas e intermitentes que procuraram preencher as faltas da pobreza (1994, 178).

Esses adolescentes da periferia vivem a todo o momento sendo violados. As garantias das leis que não são executadas, as desigualdades sociais que os assolam, a discriminação pela aparência física ou pela cor da pele, a falta de assistência social, o sucateamento da saúde pública, a escola que não tem professor, a família que passa fome, oportunidade escassa, a infância não vivida.

E a ausência de tudo gera revolta, gera “*mente vazia*”, o ócio que lhes impulsiona a fazer algo que, em muitos casos, não querem fazer. Um dos adolescentes entrevistados comenta:

Somos um bando de desocupados, não tem trabalho pra nós e aí a gente se junta sem nada para fazer começa a beber, a se drogar... e quando não vai com a cara de alguém junta toda a galera só pra fazer o mal! (Maycon, 18 anos, Comunidade da Maravilha, 2002).

É interessante destacar a valorização que esses adolescentes dão ao trabalho, acreditam que o trabalho é a única forma de *mostrar que não são “vagabundos”* e que a ocupação da mente lhes proporciona prazer e dedicação em tudo que faz.

Quando estou trabalhando, de mente ocupada, sou 100%...assim como também quando estou desocupado e vou fazer alguma “besteira na vida” também dou 100% de mim (Maycon, 18 anos, Comunidade da Maravilha, 2002).

Inegavelmente, hoje, as pessoas se identificam pelo o que fazem, ou seja, o trabalho passou a ser a referência do ser, podendo até ser considerado sentido ou motivação para viver. Uma pessoa pode ser excluída ou não pela sociedade à medida que se apresenta a responsabilidade de ter um trabalho.

Quanto à exclusão social concordamos com Alba Pinho quando esta afirma que o contingente populacional excluído não está fora do sistema econômico. Para

ela, os *excluídos* estão *incluídos* de forma *marginal e precária* nos processos econômicos, na *produção e circulação de bens e serviços*, estritamente em termos daquilo que é *racionalmente conveniente e necessário à barata reprodução do capital* (2002,11).

Quando perguntamos o que é violência para esses jovens, muitos não conseguiam definir, apenas exemplificavam:

A violência é uma coisa ruim que existe dentro da pessoa, eu não sei nem explicar, não consigo dizer... é roubar, matar, furar... (Gordinho, 18 anos, João Arruda)

A violência é algo que está dentro da pessoa, a pessoa já nasce com ela e quem com ela nasce não tem mais jeito! É do sangue... é destino!!! (Dragolândia, 19 anos, Maravilha).

Glória Diógenes diante da sua experiência em pesquisa com gangues, afirma que *a violência é por si só o acontecimento, expressivo e sem objetivo* (1998,p. 242). Portanto, na concepção desses adolescentes, segundo a pesquisa que foi realizada, a violência nada mais é do que o fato, algo que é inexplicável, ela simplesmente é como um momento de raiva, ira, que todos possuem, mas nem todos consomem o ato desse sentimento.

A preocupação diante dos argumentos de que *a violência está no sangue, que é destino!* Nos leva a indagar o por quê desses jovens expressarem seu futuro como fosse algo que não tem mais jeito. Como se suas vidas tivessem sido traçadas e ninguém, nem eles mesmos pudessem mudar.

Os adolescentes que responderam dessa forma foram indagados sobre o que poderia acontecer para mudar o destino. Todos afirmaram que *os que hoje são assim, já tiveram sua oportunidade para mudar, agora só a morte pode acabar.*

É incrível como a morte - para a maioria dos entrevistados - é algo “encantador”, ou mesmo a solução para muitos dos problemas que eles enfrentam. Enfrentar a morte, talvez seja muito mais fácil para esses adolescentes que encarar a vida dura que levam.

A morte é o fim de tudo...estou só esperando uma coisa na minha vida acontecer e vocês vão vê. Só vão saber da notícia...(Maycon, Maravilha)

É muito massa surfar de trem... é uma aventura... a gente lá consegue desafiar até a própria morte!!! (Dragolândia, Maravilha, 2002).

Durante a pesquisa qualitativa, quando perguntamos o que eles pensavam em ter ou construir um futuro, alguns dos adolescentes entrevistados não conseguiram responder. Pensar na vida, pensar no futuro, pelas suas expressões faciais e a pausa de silêncio até apresentarem que não tinham nenhum plano ou sonho para o futuro, os deixavam aflitos e angustiados. E os adolescentes que falaram sobre o futuro pensam em ser feliz com sua família, ter um trabalho e conseguir comprar uma casa para a mãe.

Eu... não tenho planos e sonhos, quero só ter uma ocupação. Não penso no futuro, gosto de aventura, vivo o agora.(Maycon, 18 anos, Maravilha)

A única coisa que sei que vai acontecer é a morte, o resto não sei, não gosto de falar do futuro, só o destino sabe (Dragolândia, 19 anos, Maravilha)

Eu só quero ser feliz, ter uma mulher, meus "bacurim" e um "tranco" para manter minha família(Charles, 16 anos, Vila união).

Na experiência de pesquisa que Diógenes obteve com as gangues, foi percebido que esses adolescentes envolvidos com a violência faz do presente o momento supremo: *o imediatismo das experiências do presente, des-sacraliza o rito "natural" da vida: nascer, crescer, trabalhar/casar, ter filhos, envelhecer e morrer*(1998, p.250). Nesse cotidiano de incertezas, tudo pode acontecer, ou seja, não dá para haver previsões.

Para Waiselfisz, a violência é cultivada na apatia, na falta de projeto de futuro, na ausência de perspectivas, na quebra de valores de tolerância e solidariedade, fatos que fazem parte da crise de significações de nossa modernidade

Os impasses da sociedade geram a vigência de diversas formas de culto à violência como forma de solução dos problemas imediatos, adquirindo novas formas e novos conteúdos, a modo de violência gratuita. Esta crise de significações leva a uma situação de asfixia em que os jovens não vêem saída da situação nem mecanismos de articulação (movimentos políticos, sociais ou culturais) que funcionem como unificadores (1998, p.132,133).

Os adolescentes entrevistados, que se envolveram em gangues não admitem tal definição para seu grupo, preferem denominar de *galera*, ou *amigos desocupados que buscam algo*. Eles consideram gangue os grupos com alta qualificação em armas, mesmo que seus grupos cometam delitos graves, tenha uma identificação, ou seja, um nome e seja o terror da comunidade.

Não me considero de gangue. Gangue é bem mais sério, mais garantido, com armas sofisticadas e tem bem mais pessoas que a nossa galera da SDT⁷. Nós somos apenas jovens desocupados, sem nada pra fazer (Maycon, 18 anos, Maravilha).

Diógenes afirma que a gangue *é uma conceituação criada pela idéia de desvio, tendo em vista a expressão juvenil (...) alguns agrupamentos juvenis, auto instituem-se guangue, ressaltando envolvimento nas ‘tretas’, nos ‘enxames’, nos enfrentamentos com a polícia como marca diferencial em relação às galeras como um todo (1998,p.170).*

Outra característica observada durante a pesquisa é que adolescentes conversam sobre suas “travessuras” e atos delinqüentes de forma entusiasmada, apresentando sua capacidade de cometer crimes, de ver o “sangue rolar” para que dessa forma venha a ser temido na comunidade.

Ora, durante toda vida nós somos incentivados para ser o melhor, *pois o mundo é dos mais esperto*, a cultura da sociedade capitalista zela pelo individualismo, pela competição e em todas as circunstâncias nos vemos na luta pela sobrevivência.

Para esses jovens repetir o pai ou a mãe, ser trabalhador de 01 salário mínimo não tem nenhum “*glamour*”. O que pode dar “*status*” é aparentar que são pessoas “normais”, que podem comprar num shopping, adquirir algo de “marca” ou possuir uma arma de fogo. Mostrar que podem ser respeitados ou garantir “proteção” para os seus parentes, amigos e namorada. Apresentar a segurança tal que tantas pessoas buscam na polícia, na segurança armada privada, ou mesmo nas cercas elétricas e grades de suas residências.

3.4 O TRABALHO INSTITUCIONAL COM AGENTES JOVENS FORMADOS.

Avaliar para repensar o agir institucional faz parte de um trabalho sério que toda e qualquer instituição que zela por uma boa qualidade de atendimento, ou intervenção social deve procurar realizar. Até porque o Governo Federal exige que seja feita uma avaliação nos seus projetos, ainda que o resultado não venha a influir para aumentar recursos materiais, humanos ou financeiros de determinados programas sociais.

No decorrer deste trabalho já foi comentado que os agentes jovens são capacitados teoricamente durante os primeiros 06 meses e que no semestre posterior, estes colocam em prática todo o seu aprendizado para a comunidade de forma criativa. E que um dos principais objetivos do *Projeto Agente Jovem* é formar protagonistas juvenis e ao mesmo tempo direcioná-los no trabalho de combate às drogas e na inibição da violência juvenil, que depois de terminado o Projeto, estes venham a dar continuidade no desenvolvimento de multiplicadores na sua comunidade.

No entanto, o que conseguimos perceber durante 02 anos e 06 meses de experiência nesse *Projeto* é que a maioria dos agentes jovens está pela ajuda financeira da bolsa e não pela oportunidade de se desenvolverem pessoalmente como protagonistas juvenis para beneficiar sua comunidade, salve raras exceções.

Com isso, vale a pena refletir de que forma estão sendo elaborados os projetos sociais. Por quê tanto desinteresse dos adolescentes numa oportunidade que teoricamente poderia ser tão rica e aproveitável? O que poderíamos fazer para que adolescentes em situação de risco se interessassem pelos programas governamentais já que são tão raros? Será que só os adolescentes são culpados por não valorizar o que lhes são oferecidos? Ou o Governo, ou mesmo a instituição executora é responsável por tal desinteresse?

⁷ Na comunidade da Maravilha existe a gangue SDT que tem dois significados: Surfistas de Trem e Senhor das Trevas. Segundo adolescentes que participam deste grupo os considerados mais fortes tem um símbolo no peito esquerdo que significa ter ousadia, coragem e disposição para o que der e vier.

Na pesquisa realizada para esta investigação com os 10 adolescentes do Projeto em questão que passaram pela DCA ou pelos Centros Educacionais da SETAS por cometerem algum delito, foram feitas as seguintes questões: o *Projeto Agente Jovem* conseguiu contribuir para algo na sua vida? Você continuou sendo protagonista juvenil mesmo depois que concluiu o Projeto? O que você achava das regras / normas do *Projeto Agente Jovem*?

Foi percebido durante a pesquisa que todos os adolescentes entrevistados comentam sobre o Projeto com muita saudade e afirmam que quando estavam no *Projeto Agente Jovem* apenas pensava na bolsa que estaria recebendo todo o mês, mas quando concluíram sentiram bastante falta não apenas do valor financeiro mas das amizades e se arrependem muito por não ter prestado mais atenção e valorizado mais o curso, como podemos constatar no depoimento abaixo:

...se eu tivesse ouvido o que o Projeto nos ensinava, se eu tivesse prestado mais atenção, hoje, eu não teria sofrido tanto para tentar sair das drogas(Expedito, 19 anos, Maravilha).

Analisando os relatos de vida desses adolescentes, da situação deste durante o Projeto e como estão atualmente, dos 10 entrevistados apenas dois conseguiram se libertar - depois de ter concluído o Projeto - das drogas e do mundo da delinquência. Como relata os depoimentos a seguir:

Conseguí mudar minha vida depois que me tornei crente, consegui ter forças em Deus para superar meus problemas e valorizar minha vida(Negão, 16 anos, João Arruda).

Resolvi sair das drogas porque não estava agüentando mais vê minha mãe, minha família sofrer por causa das drogas que eu tomava. E também eu cansei de vê as pessoas da comunidade, meus amigos desde a infância ter medo de mim, entrava nas suas casas quando eu passava dizendo: lá vem o marginal e tal...(Expedito, 19 anos, Maravilha)

Relativo a proposta do protagonismo juvenil como a forma de tentativa de reverter à situação apática dos jovens quanto à cidadania e ao desenvolvimento comunitário, os adolescentes entrevistados não conseguiram dar continuidade a proposta, e muitos deles nem se quer lembravam o que era Protagonismo Juvenil.

Dos 10 adolescentes, apenas um lançou uma crítica ao Projeto e a FUNCI relativo ao protagonismo juvenil, analisando a estrutura econômica vigente de uma forma simples, mas bastante rica e preciosa para esta investigação:

O Projeto nos ensinou a ser protagonista juvenil, a ajudar e trabalhar para melhorar nossa comunidade não foi? Pois eu achei isso ilusório. Esse Projeto quanto a isso foi ilusório, sabe o por quê? Sou agente jovem formado, não é? Nos prometeram que esse curso iria mudar nossa situação, que a gente ia encontrar saída para os problemas da comunidade. Pois não encontrei e ninguém achou essa solução. Continuamos sem comida, sem trabalho, sem moradia do jeito que qualquer pessoa precisa ter. Como e a quem vou exigir meus direitos? A prefeitura e o governo? Esses não vão atender a gente. Por isso que eu acho esse Projeto ilusório. (Maycon, 18 anos, Maravilha).

Para esses jovens a única relação entre o povo e o Estado é na hora do voto. Depois que termina as eleições os candidatos os abandonam e não deixam se quer um telefone ou endereço do gabinete para que o povo venha a cobrar as promessas que lhes foram feitas no período de eleição. E assim funciona o sistema político governamental com a população, que não é mais surpresa para ninguém.

Quanto às regras e normas da instituição FUNCI e do Projeto Agente Jovem, todos os adolescentes afirmaram que as regras são necessárias, ainda que na época que estavam no Projeto, não tivessem dado a devida importância às normas estabelecidas no pacto de convivência destes com os orientadores sociais.

Uma das exigências para que o adolescente permanecesse no *Projeto Agente Jovem* era ele está regularmente matriculado e está freqüentando a aula. Dos adolescentes entrevistados, apenas 02 continuam estudando, os outros abandonaram a escola depois que terminou o Projeto e não mais retornaram. Com isso, podemos perceber que o Projeto, enquanto era presente na vida desses jovens contribuía para a sua permanência na escola, depois de terminado, nada contribuiu para a sua visão posterior relativo a educação, sendo esta fundamental para a sua vida.

Percebemos durante a pesquisa que mesmo os adolescentes afirmando não dar importância no que a comunidade / sociedade comentava a respeito deles,

estes se sentiam discriminados pelas pessoas porque estas tinham a imagem de que eles tinham essa vida por opção, *eram vagabundos porque não iam atrás de trabalho ou não queriam estudar* e, ainda, afirmavam que detestavam as fofocas que a comunidade fazia para os seus familiares.

Eu vejo a sociedade me desprezando, achando que a gente é inútil. Aqui, só tenho amizade com a minha família e com os meus amigos errado mesmo(Maycon, 18 anos, Maravilha).

Esses adolescentes desacreditados da vida, sem esperança de futuro, ainda sentem-se pressionados socialmente pela condição de vida que levam. Ora culpados, ora revoltados contra todos e contra tudo vão vivendo do jeito que der pra viver.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Trabalhar a problemática da *Violência* e da *Juventude* não é tão simples. Exige uma compreensão mais complexa de horizontes ainda não contemplados e só através de estudos e pesquisas podemos adentrar nesse universo desconhecido da violência juvenil.

Em cada etapa deste trabalho, nos sentimos cada vez mais distantes das pré-noções que tínhamos à respeito dos jovens envolvidos com a delinqüência. Primeiro, porque na nossa concepção de senso comum nos fazia indagar sobre o por quê de adolescentes sendo “privilegiados” em um Projeto, recebendo uma ajuda de custo para poder aprender a se desenvolver, não se interessam pelo Projeto e ainda disseminam para outros uma liderança “negativa” dentro do grupo.

A segunda pré-noção era de que esses adolescentes deviam ter um motivo, uma causa ou algo que lhes influenciasses a se envolver com o mundo do crime. Buscávamos uma resposta pronta e acabada do que seria a violência e qual o seu significado para esses jovens, já que estes sentiam orgulho e prazer de desafiar as regras instituídas.

Diante da realização da pesquisa, o que pudemos compreender sobre violência juvenil é que esta é expressa como uma linguagem, sendo uma teia de significações que surge a partir das experiências vividas, ansiedades, ociosidade que contribuem para a liberação de energias nas práticas não instituídas socialmente.

Segundo a concepção dos adolescentes, a violência é algo inexplicável, é como um sentimento de ira, raiva, ódio, que existe nas pessoas. São desejos de fazer o mal: roubar, matar, furar, mentir... Na verdade, eles sabem o que é a violência porque a vivenciam no seu dia-a-dia, não conseguem defini-la, mas lhe dão

significado e representação em suas vidas ao usar / portar uma arma, ferir um rival / inimigo ou se defender de outros.

Percebemos que não existe uma única forma, um motivo invariável para que se explique a preferência de alguns adolescentes pela delinqüência ou mesmo pelas circunstâncias que lhes motivem a entrar no mundo do crime. Ainda não têm uma resposta definitiva dos próprios adolescentes porque banalizam tanto a vida e se encorajam tanto em desafiar a morte. Embora tenhamos pistas e caminhos traçados por eles mesmos na direção dessas respostas.

O certo é que esses jovens são vulneráveis ao mundo das drogas, ao tráfico e ao crime; ou seja, ao lado mais “fácil” e rápido de conseguir realizar seus desejos e sonhos de consumos, pela falta de esperança em um futuro melhor através da educação. Estes adolescentes se encontram desacreditados, não tendo sentido de vida nem objetivos para serem alcançados, se dedica ao momento no presente para conseguir de alguma forma ser reconhecido socialmente.

Quanto aos objetivos desta pesquisa foram atendidos na medida que conhecemos a realidade econômica, social e cultural desses adolescentes e temos uma idéia de como os jovens deste Projeto percebem a violência juvenil, assim como pudemos compreender a dificuldade que têm para sobreviver / viver como sujeitos de direitos num Estado democrático de Direitos.

Relativo ao *Projeto Agente Jovem*, identificamos adolescentes que não se sentiram influenciados pela perspectiva deste Projeto: formar jovens protagonistas juvenis capazes de ser líderes comunitários e de desenvolverem a sua comunidade e de mudar a sua própria história de vida.

O protagonismo não conseguiu ser estimulado ou despertado nos jovens pela iniciativa de uma instituição. O agir, a ação voluntária -como o próprio nome diz – depende de cada pessoa. De repente, o jovem não foi indagado e nem ouvido no que seria interessante ser trabalhado com eles, que tipo de atividade lhes interessariam.

De algum modo a instituição FUNCI - mesmo sendo uma obrigação do poder público executar políticas públicas voltadas a criança e ao adolescente - tem interesse de contribuir para o desenvolvimento e crescimento social desses adolescentes. Porém falta continuidade nas ações. O jovem é assistido durante 01 ano, e depois? Quem se responsabiliza por esses jovens?

É notável a ausência de uma discussão mais ampla destinada a conhecer as causas da violência, ao identificar e dar respostas às demandas e necessidades dos nossos jovens, elaborar meios e formas de expressão e de diálogo que venham a promover mais oportunidades para essa juventude.

. Inegavelmente a problemática da Violência Juvenil é bem mais ampla e necessita de mais atenção do poder público para enfrentar o grande desafio de superar os programas isolados, paliativos e compensatórios que atualmente vem acontecendo, para amenizar a situação problemática que vivenciamos todos os dias da (in)segurança e do envolvimento dos nossos adolescentes com as práticas infracionais.

Esse trabalho é apenas o começo de uma indagação que não pode calar frente a realidade dos jovens pobres de nossas periferias, que têm que se submeter aos “protagonismos impostos” de Programas governamentais pontuais e feitos de cima para baixo - que nunca resolvem a problemática da apartação social - jogando os jovens pobres para a criminalidade, porque esta é a porta mais larga e que mais tem se mostrado a sua frente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Sérgio. **Violência Urbana, Justiça criminal e Organização Social do Crime**. Revista Crítica de Ciências Sociais. Coimbra, Centro de Estudos Sociais, nº 33, out./1991.

_____ e Paulo Sergio Pinheiro. **Violência Contra Crianças e Adolescentes, Violência Social e Estado de Direito**. São Paulo: s/e, 1993.

ALBUQUERQUE, J. A. Guilhon. **Instituição e Poder: a análise completa das relações de poder nas Instituições**. Rio de Janeiro: Graal, 2. ed.,1986.

ARENDT, Hannah. **Sobre a Violência**. Rio de Janeiro: Relume-Duramá,1994.

BEQUÓ, Elza (org.). **Jovens Acontecendo na Trilha das Políticas Públicas**. Brasília:CNPd (Comissão Nacional de População e Desenvolvimento),1998.

BENEVIDES, Maria Victória. **Violência, Povo e Polícia: violência urbana no noticiário de Imprensa**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

BRITO, Sulamita de,(org.). **Sociologia da Juventude I: da Europa de Marx à América Latina de Hoje**.Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

CARDIA, Nancy. **Pesquisa sobre atitudes, normas culturais e valores em relação à violência em 10 capitais brasileiras**. Brasília: Ministério da Justiça,Secretaria de Estado dos Direitos Humanos, 1999.

CHENIAUX, Sônia. **Trapaceiros e Trapaceados: o Menor da Rua e o Serviço Social**. São Paulo: Cortez, 1986.

Comissão de direitos Humanos e Cidadania da Assembléia Legislativa do Ceará (org.). **Cidadania e Segurança: a Violência em Questão** - Fortaleza: Inesp, 1999.

DIÓGENES, Glória. **Cidade, modernidade e dinâmica dos excluídos – O caso das gangues**. Fortaleza: NUCEPEC, 1994.

_____. **Cartografias da Cultura e da Violência: gangues, galeras e o movimento hip hop**. Fortaleza: Annablume, 1998.

DURKHEIM, Émile. **Durkheim: da divisão do Trabalho social; As regras do método sociológico; O suicídio; As formas elementares da vida religiosa**. Traduções de Carlos Alberto Ribeiro de Moura ... [et al] – São Paulo: Abril Cultural, 1978. (*Os Pensadores*).

FAGUNDES, Osny Câmara. **Protagonismo Juvenil: educando com a comunidade**. 2000. s/l, s/e.

FLEURY, Sônia. **Os Direitos dos (des)assistidos Sociais**. São Paulo: Cortez, 1997.

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. 13.ed, Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FREITAS, Marcos César de, (org.). **História Social da Infância no Brasil**. São Paulo: Cortez, 1997.

GEERTZ, G. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GROPPO, Luís Antônio. **Juventude: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas**. Rio de Janeiro: Difel, 2000.

LEAL, César Barros. **A Delinqüência Juvenil: seus fatores exógenos e**

prevenção. Rio de Janeiro: Aide, 1983.

LEVINSKI, David Léo. **Adolescência e Violência: Conseqüência da Realidade Brasileira.** Porto Alegre: Artes médicas, 1997.

MINAYO, Maria Cecília Souza (org.). **Pesquisa Social: teoria, método e Criatividade.** 13ªed., Petrópolis: Vozes, 1999.

VELHO, Gilberto e Marcos Alvito (org.). **Cidadania e Violência.** Rio de Janeiro: UFRJ/FGV, 1996.

WASELFISZ, Jacobo (org.). **Mapa da Violência: os jovens do Brasil.** Rio de Janeiro: Garamond, 1998.

ZALUAR, A. **A Máquina e a Revolta: as organizações populares e o significado da pobreza.** 2.ed., São Paulo: Brasiliense, 1989.

_____. **Cidadãos não vão ao Paraíso.** São Paulo: Escuta, 1994.

_____. **Condomínio do Diabo.** Rio de Janeiro: Rivan, 1994.

LEIS CONSULTADAS

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS. Resolução nº 217 A (III) da Assembléia Geral das Nações Unidas, 1948.

ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE – ECA – lei nº 8.069. Brasília, 1990.

LEI ORGÂNICA DA ASSISTÊNCIA SOCIAL – LOAS - lei nº 8.742. Brasília, 1993.

ARTIGOS DE REVISTAS

JUVENTUDE TEMPORANEIDADE: **Revista Brasileira de Educação**. ANPED (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação). nº 5 e 6, 1997.

SOCIOLOGIA JURÍDICA: **Revista Brasileira de Ciências Criminais**. IBCC (Instituto Brasileiro de Ciências Sociais). Ano 6, nº 23, 1998.

REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS

<http://www.cfh.ufsc.br/nucleos-de-pesquisa/raiva/raiva.html>. RIFIOTIS, T. Nos Campos da Violência: diferença e positividade. Florianópolis, 1996.

<http://www.nucepec.npg.ig.com.br/protagonismojuvenil.ntm>. PESSOA, Luiz Carlos F. O Jovem como sujeito de sua própria história, 2001.

ANEXOS

ANEXO 1

SISTEMA DE FUNCIONAMENTO FUNDAÇÃO DA CRIANÇA E DA FAMÍLIA CIDADÃ



Figura 01

ANEXO 2

PESQUISA QUANTITATIVA

1° DADOS PESSOAIS

NOME: _____ DATA DE NASC.: _____
ENDEREÇO: _____
BAIRRO: _____ REGIONAL: _____
SEXO: () MASCULINO () FEMININO

2° COMO VOCÊ OUVIU FALAR DO PROJETO AGENTE JOVEM, OU SEJA, QUAL A SUA PROCEDÊNCIA?

- () Centro de Cidadania
- () Liderança
- () Igreja
- () Associação
- () Comunidade
- () ONG's
- () Outros

3° VOCÊ ESTÁ ESTUDANDO?

- () SIM () NÃO

4° QUAL O GRAU DE ESCOLARIDADE CURSADA / CURSANDO?

- () 5ª Série Ensino Fundamental
- () 6ª Série Ensino Fundamental
- () 7ª Série Ensino Fundamental
- () 8ª Série Ensino Fundamental
- () Ensino Médio
- () Telecurso
- () Supletivo
- () Tempo de Avançar

5° QUANTO É A SUA RENDA FAMILIAR?

- () Sem renda
- () Menor que ½ salário mínimo
- () ½ à 01 salário mínimo
- () Maior que 01 à 02 salários mínimos
- () Maior que 02 à 05 salário
- () Não sabe/ Não respondeu

OBS. PARA O ENTREVISTADOR: A partir da resposta desta questão, avaliar se a família deste(a) adolescente tem ou não estrutura financeira para sustentar o

adolescente, pela renda *per capita* familiar (acima de 1/2 salário mínimo por pessoa, a família do adolescente tem estrutura).

- Com estrutura
- Sem estrutura

6° VOCÊ USA OU JÁ USOU DE ALGUM TIPO DE DROGA?

- Uso drogas lícitas e ilícitas
- Uso drogas lícitas
- Uso drogas ilícitas
- Usei drogas
- Não uso, nem usei drogas
- Não quero responder

7° VOCÊ JÁ FREQUENTOU ALGUMA DESSAS INSTITUIÇÕES?

- SIM NÃO

SE JÁ FREQUENTOU, QUAL?

- Centros Educacionais da SETAS : São Francisco, São Miguel, Patativa de Assaré.
- Delegacia da Criança e do Adolescente - DCA

8° VOCÊ JÁ FEZ ALGUM CURSO DE INICIAÇÃO PROFISSIONAL / PROFISSIONALIZANTE?

- 01 (um) Curso
- 02 (dois) Cursos
- 03 (três) ou mais Cursos
- Não fiz nenhum curso

ANEXO 3

ENTREVISTA QUALITATIVA

TÓPICOS DA ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

- Como está sua situação social, econômica e familiar?
- Fale o que você entende de violência?
- Você já sofreu algum tipo de violência?
- O Projeto Agente Jovem conseguiu contribuir para algo na sua vida?
- Você continuou sendo protagonista juvenil mesmo depois que concluiu o Projeto?
- O que você achava das regras / normas do Projeto Agente Jovem?
- O que você pensa do futuro?